

Relíquias de Bracara Augusta

Arlindo Ribeiro da Cunha

Introdução: Henrique M. Barreto Nunes

Recolha e Notas: Eduardo Pires Oliveira

O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga

O salvamento de Bracara Augusta começou a ser realizado, podemos dizê-lo, por D. Rodrigo da Cunha quando, em 1634, descreveu as suas ruínas então visíveis, afirmando: “as memórias antigas que há em Braga mostram que foi sempre cidade grandiosa” (CUNHA 1634, 11). A partir de então, e até 1976, data em que a CODEP, (Comissão de Defesa e Estudo do Património), iniciou a sua actividade, vários foram os autores que, quase sempre ingloriamente, pugnaram pela preservação dos vestígios da velha cidade romana (OLIVEIRA 1976, 164-197).

Uma das vozes que mais veementemente se ergueu na defesa dos poucos vestígios conhecidos de Bracara Augusta, ou daqueles que aos poucos iam sendo revelados, como consequência do crescimento da cidade, foi a do Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha que, na imprensa local, entre 1952 e 1976, data da sua morte, foi alertando as autoridades responsáveis e os eventuais interessados para os contínuos atentados que em Braga, quotidiana e impunemente, se iam praticando contra o património arqueológico.

Esta a principal razão por que o Museu D. Diogo de Sousa e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, resolveram prestar homenagem ao Cónego Arlindo R. da Cunha, recolhendo para isso os seus artigos sobre a arqueologia bracarense.

Julgámos, efectivamente, que uma das maneiras de recordar a sua figura seria divulgar os seus escritos relativos à destruída cidade romana, inicialmente publicados nos jornais “Correio do Minho” e “Diário do Minho”, e nas revistas “Bracara Augusta” e “Acção Católica”.

O título escolhido para esta compilação – “Relíquias de Bracara Augusta” – era aquele que o Cónego Arlindo, (era assim tratado por todos que com ele lidavam), mais vulgarmente utilizava nesses artigos, inspirado pelas descobertas arqueológicas que na cidade se iam verificando.

A recolha dos textos foi realizada por Eduardo Alberto Pires de Oliveira, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, que desde 1966 auxiliou o Cónego Arlindo nas suas actividades arqueológicas, colaborando em diversas campanhas de escavação por ele dirigidas ou acompanhando-o em variadas andanças pelo distrito de Braga. São suas também as notas que enriquecem de sobremaneira esses textos, precisando a localização de alguns achados ou elucidando sobre informações menos claras, notas essas, resultantes dos estudos que Eduardo Oliveira realizou sobre a arqueologia urbana bracarense.

O interesse do Cónego Arlindo R. da Cunha pelos problemas da arqueologia incidiu, primitivamente, na epigrafia, debruçando-se nos seus primeiros artigos sobre as inscrições funerárias aparecidas na zona do edifício dos Correios, na Avenida da Liberdade. Acalentava nessa altura a ideia de publicar um volume contendo as "Novíssimas inscrições romanas de Braga" (texto 3), dando seguimento aos trabalhos de Albano Belino sobre a epigrafia bracaraugustana. Julgamos, porém, que nunca chegou a concretizar essa intenção, (ainda não houve possibilidade de examinar o seu espólio literário), embora ao longo da sua vida tenha escrito diversos artigos relativos à epigrafia de Braga e da região.

Pouco a pouco, contudo, as profundas alterações que o centro urbano de Braga começou a sofrer, foram atraindo a sua atenção para os achados da época romana que o revolvido subsolo da cidade ia revelando. A zona da Sé despertava-lhe particular interesse e os artigos desse período, aliando a sua natural curiosidade de investigador a uma imaginação talvez excessiva, são os únicos registos que possuímos sobre alguns aspectos de Bracara Augusta, destruídos pela formação da cidade medieval e pelo crescimento da moderna.

A partir de 1960, logo a seguir à abertura da Rodovia, Braga começa a expandir-se para as áreas ocupadas pela cidade romana, até aí, virgens de qualquer urbanização. E logo nessa altura, o Cónego Arlindo alerta para a importância dos vestígios aparecidos, e procura apontar sugestões para a sua preservação. Assim, a 3 de Julho de 1960, escrevia: "Situada em grande parte no terreno outrora ocupado pela Bracara dos Romanos, esconde a cidade de Braga ruínas preciosas de incalculável valor arqueológico". E, depois de referir o constante aparecimento de "reliquias de outras eras", acrescentava que, "mais apareceriam se alguém com vagar, competência e dinheiro acompanhasse os operários que abrem trincheiras, procedem a desaterros e transportam materiais". Embora sugerindo que tal vigilância deveria ser realizada por alguma espécie de Mecenas, e não por arqueólogos ou entidades responsáveis, (enjeitando ele próprio essa responsabilidade, talvez por não se achar com a formação arqueológica necessária), o que é certo é que, se alguns dos processos indicados pelo Cónego Arlindo tivessem sido executados, talvez hoje fosse diferente o conhecimento que temos da fisionomia de Bracara Augusta.

É sobretudo a partir de 1964 que os achados na zona de Maximinos começam a multiplicar-se, coincidindo com as novas urbanizações, abertura de ruas e construção de casas: "imolada nas aras do progresso continua a desaparecer a velha cidade edificada pelos romanos" (texto 11, Fev. 1964). E sucedem-se as descrições possíveis da destruição de panos de muralha e de muros de habitações, de mosaicos e peças cerâmicas.

Perante o desinteresse e a incúria das autoridades, o desalento apodera-se do Cónego Arlindo: “em cada dia que passa mais se revelam as grandezas da antiga Braga dos Romanos e mais se nos confrange o coração ao vermos ficar debaixo da terra preciosas relíquias histórico-arqueológicas que muito podiam enriquecer o património científico da gloriosa cidade dos arcebispos” (texto 14, Abril 1964).

A defesa e a salvaguarda do património artístico de Braga é, contudo, uma preocupação constante deste minhoto de rija têmpera que, enquanto assiste, quase impotente, à nova e vandálica destruição de Bracara Augusta, vai procurando preservar os materiais descobertos, que recolhe no Museu dos Biscaínhos, de cuja organização o incumbiu a Junta Distrital de Braga, (aliás, a sua entrada para a Direcção daquela Junta, vai proporcionar-lhe melhores condições para o exercício das suas actividades arqueológicas). É por essa razão que, em alguns artigos deste período, (textos 18, 20 e 21), nos descreve algumas das peças das colecções do futuro Museu, voltando à sua paixão inicial - a epigrafia romana.

Contudo, a preocupação com as destruições que o crescimento da cidade continua a provocar mantém-se, pois as descobertas de vestígios arqueológicos verificam-se com inusitada frequência. O Cónego está atento e activo, e consegue transmitir o seu entusiasmo a um grupo de jovens estudantes liceais a quem, por iniciativa do professor J.J. Rigaud de Sousa, dá algumas aulas em cursos livres de arqueologia. Esse grupo começa a acompanhá-lo nas suas deambulações pela cidade esventrada, procurando estudar, preservar e referenciar os derradeiros testemunhos de um passado quase irremediavelmente perdido: “bom seria que as autoridades encarregassem alguém, por exemplo um estudante dos últimos anos, de percorrer essas localidades (sic) onde se procede à abertura de valas para alicerces ou a remoção de terras, a ver se por aí aparecia alguma coisa que merecesse ser acautelada, estudada e recolhida no Museu”, (texto 19, Julho 1967). Lançava assim o Cónego Arlindo, (ver-se-á que com bom resultado), a ideia da criação de equipas móveis de intervenções de emergência, destinadas ao salvamento dos vestígios arqueológicos que na cidade fossem aparecendo. É de notar que esta ideia foi retomada a partir de 1976, com grande êxito, pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

De qualquer modo, esse grupo de jovens interessados na arqueologia muito ajudou o Cónego Arlindo, (e as autoridades), na localização e preservação de estruturas e achados da época romana, que o decorrer dos trabalhos de urbanização continuavam a revelar, (ver textos 19, 22, 23, 24 e recordar as campanhas de escavações na Falperra).

Em 1969 foi posta a descoberto a chamada “Casa do Poço”, importante estrutura habitacional da época romana, escavada nesse ano pelo grupo de jovens já referido, com o patrocínio da Câmara Municipal, para mais tarde ser “cuidadosamente” destruída, perante o espanto e o desespero de quantos nela tinham trabalhado.

O Cónego Arlindo mantém ingloriamente a sua luta, persistindo em chamar a atenção para os valores arqueológicos que a cidade continua a ocultar... ou a revelar. Num artigo de Outubro de 1971, descreve em traços largos, o perímetro das muralhas que rodeariam a urbe urbana e detém-se um pouco nos achados da zona de Maximinos “rica em espólio arqueológico que infelizmente vai desaparecendo”, (texto 25).

O desprezo a que continua a ser votada a colina de Maximinos e o posterior

arrasamento da “Casa do Poço”, (a que, estranhamente, não se refere), poderão tê-lo levado a interessar-se por outras zonas da cidade onde a presença é ainda fortemente impressiva. Assim, em Dezembro de 1971, (texto 26), chama a atenção para o estado de abandono em que se encontra a Fonte do Ídolo, (situação que, infelizmente, ainda hoje se verifica), e dois anos depois, debruça-se sobre a inscrição de Isis existente nas traseiras da Sé, (texto 27).

Porém, em Outubro de 1974, a descoberta do imponente muro de uma construção da época romana, aparecido na colina de Maximinos e escavado por A. Tranoy e Rigaud de Sousa, faz com que, de novo, dirija a sua atenção para esse local privilegiado da arqueologia bracarense, (texto 27). As tristes experiências anteriores não lhe permitem, no entanto, ser muito optimista. Por isso pergunta, com um misto de tristeza e desalento: “E agora que fazer àquelas opulentas ruínas? Não prosseguir nas pesquisas e deixar destruir aquilo tudo?”

A resposta, por certo já esperada, foi-lhe dada muito rapidamente: alguém, a coberto da noite e de um anonimato que nunca houve interesse em desvendar, arrasou completamente o muro que o Cónego Arlindo sonhava pertencer ao pretório de Bracara Augusta.

O velho Cónego deu-se, finalmente, por vencido. Para quê lutar pela sua Bracara Augusta, se aqueles que a deviam tentar recuperar eram os primeiros a pactuar com a sua destruição? Para quê lutar pela preservação de valores patrimoniais numa cidade sem horizontes estéticos e culturais?

Não mais a sua voz se voltou a erguer com entusiasmo juvenil, descrevendo os “maravilhosos” achados arqueológicos que em Braga se iam verificando! Não mais se fizeram ouvir, nas páginas dos jornais locais, os seus lamentos sobre o desprezo a que eram votados os vestígios da velha Bracara Augusta, que a terra ocultava!

E, contudo, a urbanização da colina de Maximinos continuava a avançar em grande escala. É nesta altura, porém, talvez coincidindo com a liberdade nascida em Abril, que outras vozes se começaram a levantar, clamando veementemente contra a destruição dos últimos vestígios da Braga Romana. Foi nessa altura que surgiu a CODEP e se iniciou o processo que, efectivamente, conduziu ao salvamento de Bracara Augusta (NUNES 1978, 227-236).

Infelizmente, o Cónego Arlindo já não nos pôde acompanhar nesta caminhada. A idade e a doença tinham-no alquebrado de tal modo, que a morte colheu-o em 10 de Abril de 1976, numa altura em que na colina de Maximinos, o Dr. Jorge Alarcão encetava uma curta campanha de escavações, que se viria a revelar decisiva na criação do Campo Arqueológico de Braga.

Ficou-nos, porém, o seu exemplo de lutador indómito contra a ignorância e a irresponsabilidade daqueles que, animados por um ideal de “progresso” tantas vezes discutível, desfiguram as cidades e destroem o património que o passado lhes legou. Ficou-nos a sua maneira de entender a arqueologia, talvez um tanto ultrapassada, mas reflexo de um certo número de tendências que, durante anos, fizeram escola no país. Ficaram-nos, também, os seus artigos, que permitem conhecer aspectos de Bracara Augusta, chegados até nós apenas através das suas descrições – documentos essenciais e únicos para a elaboração de uma carta arqueológica de Braga.

Ficaram-nos, finalmente, as palavras com que em Janeiro de 1976 iniciou o seu último artigo sobre Braga, (texto 31), palavras que, certamente, continuarão a nortear todos aqueles que se debruçam sobre o passado remoto da cidade: “a verdadeira história de Braga está ainda por escrever”.

Braga, Dezembro de 1978

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, R. da (1634) – *História eclesiástica dos arcebispos de Braga*, I, Braga.
- FARIA, M. de (1946) – Cónego Arlindo R. da Cunha. *Acção Católica*, 61 (6/7) Jun.- Set., Braga, pp. 323-324.
- EGÍDIO, G. (1977) – Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha. *O Distrito de Braga*, 2ª série, 2, Braga, pp. 7-9.
- MENDONÇA, A. (1976) – O Cónego Arlindo. *Primeiro de Janeiro*, 9 Jul., Porto.
- NUNES, H. M. B. (1978) – O Salvamento de Bracara Augusta: 3 – da Cidade Romana ao Campo Arqueológico da Universidade do Minho. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, pp. 227-236.
- OLIVEIRA, E. P. de (1979) – O salvamento de Bracara Augusta: 6 – A Câmara Municipal de Braga e a Arqueologia, 1837-1974, *Minia*, 2(3), Braga, pp.164-197.
- (1982) – *Para uma Bibliografia do Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha*. ASPA, Coimbra.
- SOEIRO, R. B. (1978) – *Medalhões: Figuras de Braga ou que por ela passaram*. 2ª série. Braga, pp. 37-45.

LISTA DOS TEXTOS APRESENTADOS

- Texto 1 - BA 4(4), 1953, 242-252
- Texto 2 - CM 13-11-52
- Texto 3 - CM 11-12-52
- Texto 4 - CM 26-2-56
- Texto 5 - CM 26-3-53
- Texto 6 - CM 15-10-53
- Texto 7 - CM 19-11-58
- Texto 8 - DM 15-3-58
- Texto 9 - DM 3-6-60
- Texto 10 - CM 26-1-64
- Texto 11 - CM 5-2-64
- Texto 12 - CM 13-2-64
- Texto 13 - CM 1-4-64
- Texto 14 - CM 16-4-64
- Texto 15 - CM 30-4-64
- Texto 16 - CM 29-7-65
- Texto 17 - CM 16-11-66
- Texto 18 - CM 28-4-67
- Texto 19 - CM 2-7-67
- Texto 20 - CM 23-9-67
- Texto 21 - CM 27-9-67
- Texto 22 - CM 10-4-69
- Texto 23 - CM 21-8-69
- Texto 24 - CM 14-10-69
- Texto 25 - CM 23-10-71
- Texto 26 - CM 28-12-71
- Texto 27 - CM 2-8-73
- Texto 28 - CM 14-9-73
- Texto 29 - CM 21-12-73
- Texto 30 - CM 16-10-74
- Texto 31 - CM 20-1-76

TEXTO 1

NOVÍSSIMAS INSCRIÇÕES ROMANAS DE BRAGA ¹
BRACARA AUGUSTA, 4 (4), BRAGA, 1953, pp. 242-252

TEXTO 2

INSCRIÇÃO ROMANA INÉDITA

“Correio do Minho” 13-11-1952

Muitas relíquias do domínio romano têm aparecido em Braga no decorrer dos séculos. Pedras, mosaicos, Bronzes, restos de muralhas, tudo se tem desvendado e vai sendo estudado pelos competentes e curiosos; mas haverá ainda muitas coisas escondidas no sítio onde foi Bracara Augusta. Aqui há anos, quando se procedia à escavação da vala para os alicerces do novo pavilhão dos Correios, foram desenterradas três estelas funerárias, com elegantes inscrições latinas do tempo do Império, que se encontram no Museu da Catedral ².

A Escola do Magistério guarda uma ara romana epigrafada que apareceu na Fonte do Idolo ³. Na Rua de D. Afonso Henriques, por ocasião das obras de Saneamento, foi encontrada uma interessante estela funerária, também com inscrições, que não está mal arrecadada ⁴. Ultimamente, mostrou-me o Exmo Smr. D. José de Deão uma estela em forma de ara, elegantemente decorada com um inciso filomórfico de nervação peniforme. Está completo e em perfeito estado de conservação o cipo precioso.

Aparecido num dos muros do lindo solar do Passadiço, perto do sítio onde outrora foi descoberto um corte dum marco miliário consagrado a Nerva e que serviu de peso de lagar, foi agora deslocado por causa das obras de prolongamento da Rua de Francisco Sanches ⁵.

Com o benévolo assentimento do Exmo Proprietário, copiei a inscrição latina do precioso monumento e aqui a torno do domínio público, julgo que em primeira mão. É de fácil leitura e segue o esquema geral das inscrições funerárias latinas:

D M S
CAMILLAE RVEIN
ANNORVUM L
VIRIVS RVFINIS
CONTVCI CARIS
SIME, M F

¹ Optou-se por não reproduzir este texto pela sua extensão e por se encontrar publicado numa revista.

² Ver textos 1 e 2.

³ NABIE/RUFINA/VSLM (TEIXEIRA 1983, 151). Actualmente guarda-se no Museu D. Diogo de Sousa.

⁴ No Museu da Catedral, ALBVR/A CAT/VRONIS/FOLETI/OBRI A/ NN LXX/ H S E (TRANOY e LE ROUX 1973, 193-195).

⁵ Conservou-se na Casa do Passadiço até 1987, data em que os seus proprietários a levaram para algures, em Lisboa.

São pouco numerosas as particularidades epigráficas. O N da segunda linha tem a haste final maior no sentido da altura, sinal de que representa o I do genitivo. A palavra a que pertence deve-se ler por isso RVFINI.

Na quinta linha está um nome, CONTVCI, genitivo de CONTVCVS, para mim desconhecido. Se, como me parece, surge pela primeira vez, confere ao cipo um valor incalculável. Da quinta para a última linha, temos o dativo, CARISSIME, com E simples em vez de AE. Manifesta que a inscrição é tardia, talvez do fim do Século III ou princípio do IV da era actual o que aliás indica também a forma MM e do F final.

Traduzida em português, diz a inscrição:

Consagrada aos Deuses Manes. Virio Rufino filho de Cântuco, mandou fazer esta memória à caríssima Camila, de cinquenta anos, filha de Rufino ⁶.

TEXTO 3

A ESTELA ROMANA DO PASSADIÇO

“Correio do Minho” 11-12-1952

Subordinado ao título “Inscrição Romana Inédita”, publiquei neste jornal, em 13 de Novembro ⁷, um pequeno artigo a que se referiu a Imprensa da Capital e que chamou a atenção de estudantes e Professores da Coimbra universitária. Efectivamente, não deixa nunca de interessar às pessoas cultas o aparecimento de mais um elemento de estudo ou dum novo guia dos passos dos historiadores nas estradas brumosas da antiguidade nacional. Tenciono estudar, detida e minuciosamente, não só esta pedra como todas as que apareceram depois da morte de Albano Belino; e publicarei depois em volume, possivelmente sob o título de NOVÍSSIMAS INSCRIÇÕES ROMANAS DE BRAGA, o resultado desse trabalho.

Então se não-de discutir todas as particularidades de leitura e interpretação.

Por agora sinto-me no dever de apresentar novamente a última inscrição encontrada.

É que da outra vez, em 13 de Novembro, saíram dois erros de leitura: um devido à minha falta de observação; o outro, mero efeito duma galha tipográfica:

D M S
CAMILLAE RVFIN
ANNORVM L
VIRIVS RVFINVS
CONTVCI CARIS
STME. M F

Tinha eu lido, na quinta linha, CONTVCI, que apresentei como genitivo patronímico dum hipotético CONTVCVS que nunca existiu, mas foi, apesar de tudo, elevado, em certos meios universitários, à categoria de deus desconhecido. Embora a penúltima letra seja C bem nítido e inconfundível, deve-se ler conlvgi, dativo de conlux. Desta forma, a inscrição diz, em português:

Consagrado aos Deuses Manos. Virio Rufino mandou fazer esta memória à esposa caríssima, Camila, filha de Rufino, de cinquenta anos.

⁶ Ver texto seguinte e A. TRANOY e P. LE ROUX (1973, 191-192).

⁷ Ver texto 2.

TEXTO 4**RUÍNAS A DESCOBERTO**

“Correio do Minho” 26-2-1953

São muito escassas as notícias literárias que possuímos da Braga antiga. Vão todavia, aparecendo, em compensação, de dia para dia, elementos de estudo de outra natureza.

É raro fazer-se demolição de vulto ou rasgar-se o solo com nova trincheira sem que surjam antigualhas de valor diante dos olhos ávidos de velharias dos arqueólogos apaixonados.

Tem sido singularmente fértil, em agradáveis surpresas deste género, o talhão compreendido entre o Largo de S. João e a Rua do Souto, que se está a transformar, aceleradamente, no prolongamento da Rua de Francisco Sanches.

Ainda há pouco tive a honra de informar os leitores do aparecimento dum cipo romano, epigrafado numa das paredes demolidas. Outras descobertas podemos agora comunicar ⁸.

Ao deitarem-se abaixo as magras paredes das habitações sacrificadas ao progresso citadino, apareceram bastantes cilindros de granito, que tudo fazia supor terem sido fustes de colunas, velhas de muitos séculos. Recolhidas amorosamente pelo sr. dr. Costa Júnior, arqueólogo e colecionador apaixonado, foram postos a bom recato e preservados de ruínas e destruição ⁹.

Abriam-se as trincheiras para o assentamento dos fios dos C.T.T., das águas e do saneamento, e então se começou a notar a natureza dos terrenos nas diferentes camadas. Aqui, era a terra virgem interrompida por montes de pedras defumadas, claro indício de velhas construções anteriores às demolidas na presente ocasião; ali, apareciam, em quantidade significativa, fragmentos de telha e de louça antiga; em dada altura, foi desenterrado um grande cilindro, epigrafado, que, a princípio tomei por um marco miliário; e, de vez em quando, viam-se espessas camadas, distribuídas irregularmente, de terra vegetal.

Não havia dúvida: existira ali um templo hipóstilo, ou, pelo menos, uma antiga habitação adornada de colunatas.

Há dias, porém, nova descoberta veio confirmar, se não ainda resolver de todo, essa suposição. Apareceu, desta feita, um elegante e avantajado capitel de ordem dórica. O ábaco, o anel e o colarinho aproximam-se mais da ordem coríntia pura do que da toscana; e seria lícito, não obstante, classificá-lo de romano se não fora a decoração que interrompe e cobre o equino num dos lados. Perto do capitel, apareceu mais um cilindro de granito, mas de diâmetro inferior. O que se lhe ajustará, mais ou menos, deve ser o que, ao ser desenterrado, parecia um marco viário e foi picado de forma a parecer adossado a uma parede. É permitido supor que todos esses cilindros fizeram parte de fustes de colunas e pertenceram ao mesmo edifício a que pertenceu também o capitel agora descoberto e aqui se estuda em primeira mão.

Bom seria que nenhum desses elementos construtivos se dispersasse, a ver se seria possível imaginar – a imaginação dos arqueólogos é fertilíssima – como terá sido o edifício, sagrado ou profano, a que pertenceram ¹⁰.

⁸ Ver textos 2, 3 e 5.

⁹ Pensamos haver confusão. Todas essas pedras foram recolhidas na “Casa do Passadiço”, Braga.

¹⁰ Parte dos materiais foram recolhidos no Museu D. Diogo de Sousa, Braga. Infelizmente não foram marcados, perdendo-se todo o registo da proveniência.

TEXTO 5**RELÍQUIAS DA MEIA IDADE**

“Correio do Minho” 26-3-1953

É um lugar comum e uma triste realidade estar ainda por fazer a história de Braga. Quando se realizar esse trabalho, que não pode deixar de ser gigantesco, muito se há-de admirar o grande esplendor de que gozou a nossa gloriosa cidade, duas vezes milenária. A documentação escrita relativamente aos tempos antigos, escasseia bastante. Não assim os documentos arqueológicos. Do tempo do domínio romano, possuímos algumas dezenas de monumentos epigráficos, a maior parte infelizmente dispersos, que muita luz projectam sobre tempos tão recuados. Da era medieval, anterior à Reconquista, não há tantos elementos de estudo, mas os que possuímos não são despiciendos e vão aumentando em número de dia para dia. O que é preciso é não deixar perder nada e aproveitar tudo.

No Albergue Distrital, há dois capiteis visigóticos, um dos quais reproduzido na página 126 da História da Arte em Portugal por Aarão de Lacerda, e outros haverá por aí em quintais ou colecções particulares. Se, porém, alguma coisa tem aparecido à superfície no decorrer dos tempos, muito mais é o que está ainda enterrado.

Informei há dias os leitores do aparecimento dum capitel de feição invulgar e de alguns fustes de colunas nas obras de prolongamento da Rua Francisco Sanches. Disse também da convicção de o terreno não ter sido plano antes das construções agora destruídas.

Posso desta feita anunciar outros achados: bases e capiteis, além de mais fustes e de uma mó manual.

Uma das bases, desenterrada no sítio onde estavam as “Frigideiras do Cantinho”, media aproximadamente 0m43 de diâmetro no ponto mais largo. Corresponde, no tamanho, pouco mais ou menos ao capitel aparecido no lado oposto, em terreno do sr. dr. Costa Júnior, e pode ter pertencido à mesma coluna ou a uma igual. De especial nesta base, há unicamente a registar o ser ela constituída de dois toros que delimitam discos de diâmetro igual e separados por dois filetes e uma só escócia.

Além desta base, apareceram outras de igual feição, mas de diâmetro bastante mais reduzido, e mais alguns capiteis de tamanho correspondente a estas bases mais pequenas e de ordem e decoração igual ao que descrevi num artigo precedente.

De que eram todas estas colunas? Esperemos que apareça mais alguma coisa para podermos fundamentar qualquer conjectura ¹¹.

¹¹ Ver textos 2, 3 e 4.

TEXTO 6

NECRÓPOLE ROMANA EM BRAGA

“Correio do Minho” 15-10-1953

Capital dum convento jurídico no tempo dos Romanos, foi Braga, a nobre Bracara Augusta, uma das cidades mais notáveis do norte de Península. São muitos os restos da civilização romana que têm vindo à superfície no decorrer dos tempos, e a cada passo vêm novos elementos satisfazer a nossa curiosidade.

Ainda há poucos meses se anunciou o aparecimento duma preciosa ara romana cuja inscrição, traduzida e comentada, é já do domínio público ¹².

Hoje tenho a honra de noticiar um novo achado não menos importante. Por detrás do velho solar de Boaventura Maciel Aranha e à face da rua que liga o Campo da Vinha com o Campo da Feira, anda-se a construir uma nova casa de habitação, no único talhão que, daquele lado, estava devoluto ¹³. Ao cavarem a terra para a futura cave, notaram os operários que o solo, deixando de ser mole e praticável como até ali, oferecia agora grande resistência à ferramenta. Continuando a cavar com cuidado, desaterraram uns dispositivos tumulares em forma de catacumbas. São ao todo seis essas sepulturas. Perfeitamente rectangulares e orientadas de Nordeste a Sudoeste, são constituídas por lajes de granito bem esquadriadas e cobertas de capas da mesma pedra. O pavimento é de grandes tijolos romanos. Poucas vezes uma pedra é comum a duas sepulturas; e, para que isso não aconteça duplicam-se as laterais que ficam encostadas uma à outra. Além disso, ao passo que em dois sarcófagos a caixa tumular é toda constituída de tijolos, em dois deles há da parte interior da caixa de pedra uma fiada dos ditos tijolos, o que reduz bastante a largura da mesma.

Apareceram alguns ossos humanos razoavelmente conservados e na quinta sepultura a contar da direita do espectador, havia sinais manifestos de cal.

Infelizmente não apareceu inscrição alguma mas foram encontradas duas lâminas, bastante salitradas, de mármore e anepígrafas, talqualmente como aconteceu na necrópole romana-cristã de S. Frutuoso de Tarragona ¹⁴. Sugere o sábio arqueólogo espanhol J. Serra Vilaró, no estudo publicado no vol. VII da revista “Ampúrias”, que ou essas lâminas se destinavam a uma inscrição que, por qualquer motivo, não chegou a ser lavrada, ou tiveram realmente uma legenda pintada que, com a humidade de quinze séculos, se desvaneceu. Parece-me arriscada a indicação duma data qualquer para a construção daquelas sepulturas. Nem símbolos pagãos nem emblemas cristãos ali se encontraram. Unicamente um fragmento de madeira que não pode ser proveniente das tábuas dum esquife sugere a hipótese dum báculo. Por outro lado, a forma rectangular, em vez de trapezoidal como se usava na Idade Média, manda recuar a obra para a época romana. Além disso, a ausência absoluta de qualquer indício de cerimónias de incineração faz supôr aquilo já do tempo cristão, e duma idade posterior às perseguições atento o sítio ali próximo dos muros da cidade o que não seria fácil numa época revolta fazerem-se ali aquelas construções.

Disseram os habitantes da localidade que, há anos, quando se procedeu à mudança dum tanque que hoje ocupa um dos ângulos do talhão onde se anda a construir o novo edifício, apareceram outras sepulturas como estas. Pena foi que não houvesse então quem tomasse nota da ocorrência. Comparando-se as de outrora com as actuais, seria mais fácil aventurar uma data.

Assim, não sei que diga. Parece-me todavia que quem atribuisse à necrópole agora descoberta o fim do século IV não andaria muito longe da verdade ¹⁵.

¹² Ver textos 2 e 3.

¹³ Rua Alfêres Ferreira.

¹⁴ Os tijolos e as placas de mármore foram recolhidas no Museu Pio XII. (ROSÁRIO 1973, 60, nº 65, 65A).

¹⁵ Já no século XVI, no mapa de Bráunio, no local correspondente ao ponto de encontro da Rua Alfêres Ferreira com a praça Conde de Agrolongo (Campo da Vinha) se indicava aquele sítio como necrópole romana.

TEXTO 7**RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"****"Diário do Minho" 19-1-1958**

São numerosos e elucidativos os restos da civilização romana que em Braga se têm encontrado desde os mais remotos tempos. Incrições latinas, moedas com a effigie dos Césares, grossos fustes e elegantes capitéis, tijolos e arcas sepulcrais, mosaicos e fragmentos de olaria, tudo tem vindo à superfície, no decorrer dos séculos, no sítio outrora ocupado pela velha capital da *Gallaecia* romana.

Nem toda essa opulenta riqueza arqueológica se encontra reunida, mas o que se conhece é suficiente para se avaliar a grandeza primitiva de *Bracara Augusta*.

Muito há todavia ainda por descobrir, embora os últimos anos hajam sido férteis em nossos elementos de estudo vindos á luz do dia.

Há pouco tempo ainda, quando se procedia ao prolongamento da rua de Francisco Sanches até S. João do Souto ¹⁶ apareceram bases de colunas e capitéis de ordem jónica de modelo pouco vulgar e, além disso, uma estela funerária com inscrição latina muito bem conservada ¹⁷.

Anos antes, enquanto se regularizava a zona de protecção da parte sul da Catedral, foi posto à vista um preciosíssimo mosaico romano, bárbaramente destruído, duas estatuetas de bronze representativas de divindades pagãs e algumas moedas romanas ¹⁸. Agora, quase no mesmo sítio, está-se a terraplanar o terreno onde se vai levantar a sede da Junta de Província do Minho e o Tribunal de Trabalho. Já se esperava que alguma coisa por ali aparecesse, e essas esperanças obtiveram felizmente realização. Ali apareceram com efeito restos duma grandiosa edificação romana, impossível aliás de classificar por as escavações terem seguido, como era natural, um critério utilitário e não científico.

O primeiro elemento a ser descoberto, além de robustos silhares com o almofadado caracteristicamente romano, foi uma elegante base de coluna, de grande diâmetro e muito bem conservada. Uma outra base veio também à luz do dia, mas, embora de idêntico diâmetro, está bastante estragada por numerosas fracturas. Além disso, apareceu um pavimento de tijolo assente em barro batido. Em outro dia, foram encontradas mais duas bases de colunas e um capitel corínteo, este e aquelas notavelmente inferiores às primeiras em diâmetro e acabamento.

Temos a notar a curiosa circunstância de as bases de colunas, tanto as maiores como as outras, serem semelhantes em tamanho e estilo às que há dois anos apareceram no alto da Falperra. A mesma semelhança se manifesta numa cornija do Rocio da Sé e noutras da Falperra.

Em Braga não apareceram ainda desta feita fustes de colunas, nem, que me conste, moedas romanas. Disseram-me, porém, os operários que se lhes deparou uma pedra "com letras grandes". Não a pude examinar porque se encontra coberta com a terra que espera a sua vez para ser removida. Não posso por isso dizer se a inscrição é romana, medieval ou moderna.

Os objectos encontrados e dignos de conservação, foram recolhidos no Museu da Catedral e para lá irão quando forem aparecendo.

¹⁶ Ver textos 4 e 5.

¹⁷ Ver textos 2 e 3.

¹⁸ As peças de escultura encontradas foram uma Minerva e um Baco. A Minerva foi publicada por Acuña Castroviejo (1977), onde se pode ver outra bibliografia sobre esta peça; o Baco foi publicado por Alberto Feio, 1950. A Minerva guarda-se no Museu D. Diogo de Sousa.

TEXTOS 8

RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"

"Diário do Minho" 15-3-1958

Nas proximidades da Sé, no gaveto onde se está a construir o edifício destinado à Junta de Província do Minho e do Tribunal de Trabalho, continuam a aparecer objectos que interessam à história de Braga. Além dos referidos neste mesmo *Diário* no dia 19 de Janeiro ¹⁹, outros vieram à superfície e estão a bom recato. Apareceram mais dois capitéis romanos: um corínteo e outro jónico dum modelo bastante raro na região. Dois moinhos manuais, infelizmente ambos incompletos, revestem-se de algum interesse por serem bastante maiores do que os aparecidos nos "castros". Uma pia circular com um bico e muito bem trabalhada deve ter servido para qualquer indústria caseira. Moedas romanas, apareceram algumas parece-me que bastantes mais do que as de que tive conhecimento directo. A maior parte delas partiram-se em dois, três e mais fragmentos por não saberem os seus achadores como as deviam conservar.

Uma tive-a na mão e foi a única que pude estudar. Está bastante danificada, porque o possuidor dela, na ânsia de a valorizar, a esfregou quanto pôde e com o que lhe foi possível.

Tive, ainda assim, a possibilidade de a identificar.

É de Constante I, Imperador que reinou de 335 a 350 depois de Cristo. Existia uma igual na colecção de El-Rei Dom Luís I, descrita por Teixeira de Aragão no 2.156 do seu ainda hoje valioso *Catálogo*. Tem no anverso o busto do Imperador voltado à direita e adornado com o diadema, paludamento e couraça. É como segue a legenda deste lado:

D. N. CONSTANS P. F. AVG.

Quer dizer em português: Nosso Senhor Constante Pontífice. Flámen. Augur.

Apresenta no reverso um soldado de capacete e lança marchando à direita, puchando para fora da habitação um jovem cativo. Tem deste lado a legenda seguinte:

FEL. TEMP. REPARATIO.

Em português: *Restauração* dos tempos felizes.

O mais importante de tudo quanto até agora foi descoberto é, porém, um precioso mosaico romano, o primeiro que em Braga e seu distrito é, que eu saiba, salvo da destruição e recolhido em Museu.

Policromado e de desenho perfeitíssimo, nada inveja ao que de melhor se conhece em Portugal. A parte que com todo o cuidado, consegui levantar do sítio, aproximadamente um metro quadrado, é orlada dum lindo entrelaço. Encontra-se no Museu da Catedral, onde todos o poderão examinar à sua vontade, e será oportunamente estudado. Para já, é preciso levantar o resto com igual cuidado e consolidá-lo todo depois com o uso de todos os recursos da técnica moderna. É o que se procurará fazer ²⁰.

¹⁹ Ver texto 7.

²⁰ Actualmente encontra-se desfeita. Informações do Sr. Cónego Luciano dos Santos. O restante mosaico nunca chegou a ser levantado.

TEXTO 9**RELÍQUIAS DA BRACARA AUGUSTA**

“Diário do Minho” 3-6-1960

Situada em grande parte no terreno outrora ocupado pela Bracara dos Romanos, esconde a cidade de Braga ruínas preciosas de incalculável valor arqueológico.

Com as muitas e variadas obras que, nos últimos tempos, têm sido levadas a efeito, vieram à superfície algumas dessas relíquias de outras eras, e mais apareceriam se alguém com vagar, competência e dinheiro, acompanhasse os operários que abrem trincheiras, procedem a desteros e transportam materiais.

Há poucos anos, apareceram, nas traseiras da Casa Maciel Aranha, entre o Campo da Vinha e o Mercado Municipal, algumas sepulturas romanas semelhantes a muitas encontradas em Tarragona ²¹, durante a abertura da rua Francisco Sanches, no lanço compreendido entre a rua do Souto e o largo de S. João, foram postas a descoberto algumas colunas romanas, uma das quais só com modelo parecido em Pompeia, e uma estela sepulcral epigrafada ²².

Durante o desaterro para os fundamentos do edificio da Junta Distrital, verificou-se que ali existiu um opulento palácio romano, tal o número e variedade de bases de colunas, capitéis corínteos e restos de muros de silhares rusticados que ficaram à luz do sol. Verificou-se aí a existência dum extenso pavimento de mosaicos policromados de que foi possível conservar pequena amostra ²³.

Na Rodovia e na zona das escolas da Sé e em outros sítios, têm aparecido moedas romanas de prata e de cobre, nem todas impossíveis de classificar. Mais difícil é impedir que se extraviem e havê-las à mão, porque o achador, quase sempre um operário ou um jornaleiro, fica em geral obsidiado por duas ideias ou dois receios: que lhas tirem e que tenham um valor extraordinário. Por isso mesmo oculta-as ciosamente, estraga-as com ácidos e lixa, vai-as depois oferecer ao ourives esperando receber por elas bom dinheiro em notas de banco, e só depois de muito desengano é que vem com elas perante quem lhe poderia indicar o valor histórico, aplicá-las a fins culturais e dar por elas alguma coisa se as não tivesse inutilizado.

Na zona sul da Rodovia ²⁴, andam agora obras de vulto; e, numa das construções iniciadas, apareceram nada menos que os restos de uma “villa” rústica romana. Está já a descoberto um extenso muro de suporte, de aparelho a que Vitruvius chamaria opus incertum, um aqueducto coberto de capeado bem feito, caleiros de barro cozido, uma tegula inteira, alguns roletes, cilindros, de granito, uma peça dum moinho manual, e as duas partes principais, bem conservadas duma mala asinaria.

Quando se rasgar a projectada rua de S. Lázaro a Maximinos ²⁵, muitas mais coisas aparecerão, de que, se Deus quiser, informarei os leitores.

²¹ Ver texto 6.

²² Ver textos 2, 3 e 4.

²³ Ver texto 8.

²⁴ Esta zona ficava fora do circuito de muralhas traçado por José Teixeira no Opusculo Braga Antiga, (OLIVEIRA 1938). Corresponde às actuais fábricas Francor e Etma.

²⁵ Ruas 25 de Abril (parcialmente aberta) e R. Santos da Cunha (aberta em 1964). Sobre achados nesta rua ver textos 10-16 e 22-23 e respectivas notas.

TEXTO 10**RELÍQUIAS DE BRACARA AUGUSTA**

“Correio do Minho” 26-1-1964

Em Maximinos, acima da zona das Escolas Primárias, está-se a proceder à terraplanagem para a construção dum bairro habitacional e à abertura duma nova rua que, passando em frente da parte nova do Hospital, irá ligar ao Liceu Feminino ²⁶.

As obras vão bastante adiantadas e atingiram já a velha muralha romana que foi rasgada em alguns pontos. Ficaram à vista paramentos de muros de várias espécies e de materiais diversos. Espalhadas no terreno, vêem-se lá grandes pedras rusticadas com o almofadado característico das grandes construções romanas; o chamado *opus reticulatum* constituído por pedras quadradas dispostas em camadas horizontais e fortalecidas por uma espécie de formigão, *opus caementicium*, de materiais agora completamente lapidificados. A Noroeste, num corte profundo de alguns metros, ficaram à vista três paredes duma habitação, além da muralha exterior da velha cidade, combinadas as paredes com o *opus latericium* ou construção de ladrilhos de forma quadrada.

Colunas não vi ainda, mas é natural que venham a surgir da terra para fora.

Objectos de uso doméstico já apareceram, porém, à luz do dia, e desta vez não sairão de Braga.

Fizeram o favor de me mostrar três elegantes vasos romanos, *poculi*, um com asas e de barro escuro, outros de gargalo mais estreito, sem asas e de barro amarelado.

Mais valiosa do que as pucarazinhas é uma linda lucerna, quase perfeita só com a *ansa* quebrada na parte superior. Tem o *discus* ornamentado em volta do *infundibulum*.

De mais que for aparecendo e puder tomar conhecimento, darei parte aos nossos leitores ²⁷.

TEXTO 11**RELÍQUIAS DE BRACARA AUGUSTA**

“Correio do Minho” 5-6-1964

Imolada nas aras do progresso, continua a desaparecer a velha cidade edificada pelos romanos. O pano de muro que estava à vista a noroeste das Escolas Primárias de Maximinos ruiu fragorosamente aos golpes certos do “catrapila”; e as paredes das casas antigas, que estavam soterradas pelos sedimentos de muitos séculos, desfazem-se como castelos de cartas soprados pelo vento. De vez em quando, aparece um cilindro de granito que constituiu o fuste duma coluna e a ombreira duma porta com o rasgo profundo onde girava uma tranqueta para conter a respeitosa distância os visitantes indesejáveis; e a base duma coluna que lá apareceu foi salva do entulho e deu entrada no Museu dos Biscainhos.

Cortado ao meio, está à vista dos curiosos um forno de cerâmica, de paredes constituídas por ladrilhos rectangulares, alguns, e os outros quadrados.

Nos perfis dos desaterros, aparecem fragmentos de olaria de várias épocas e diferentes modelos.

²⁶ Rua Comendador António Santos da Cunha.

²⁷ Ver texto 11 a 16.

Além da *lucerna romana* de que falei na nota precedente, tive nas mãos uma outra, perfeitamente conservada e rica na decoração. Apresenta a *margo* ornamentada de estrelas de muitos raios, e tem no *discus*, dum e outro lado do *infundibulum*, figuras antropomórficas voltadas uma para a outra.

Apareceu numa sepultura de tijolos do Século III e tinha uma moeda de *Gallienus* (253-268) igual à que Teixeira de Aragão descreve, com o número 1.634, no catálogo das *Moedas Romanas* do gabinete numismático de El-Rei D. Luís I. Tem no anverso a cabeça de Galieno voltada à direita do espectador; com a coroa radiada, e a legenda *GALLIENVS AVG*; e no reverso *VBERITAS AVG* a rodear a figura da Fertilidade em pé, à esquerda de quem olha, com a cornucópia e um cacho de uvas.

A moeda está como nova e a *lucerna* não chegou a servir, e isso permite datar a sepultura, infelizmente sem epitáfio, só com uma pequena margem para erro: foi cunhada, a moeda, no princípio da segunda metade do Século III (253-268) e pouco tempo circulou ²⁸.

A candeia e a moeda numa sepultura manifesta a crença dos Romanos na imortalidade da alma e na vida futura após a morte, que tem uma origem que ascende ao tempo dos Egípcios faraónicos, pelo menos. A *lucerna* era para alumiar durante a jornada pelo Estígio, ou rio dos Infernos; e a moeda para pagar a "passagem".

O costume de colocar moedas nas sepulturas, e até na boca dos cadáveres, não acabou ainda de todo: nos cemitérios, estão sempre a aparecer moedas, e no lendário popular não faltam referências à sobredita "passagem"! Já fora do nosso distrito, em Averomar, concelho de Póvoa de Varzim, há o Santuário de Santo André, onde está erecta uma Irmandade das Almas, em cujo altar se vê um grupo escultórico representativo de muitas almas dentro duma barca a navegar.

Pois nas freguesias circunvizinhas, quando alguém fica viúvo, vai pressuroso a Santo André oferecer uma esmola para "pagar a passagem" do cônjuge falecido.

TEXTO 12

RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 13-2-1964

Prosseguem, em Maximinos, as obras de terraplanagem e abertura de arruamentos novos, e isso continua a trazer à luz do sol antigualhas sepultadas há muitos séculos

Aparecem as paredes de muitas habitações e, por entre elas, alguns objectos de uso comum naqueles recuados tempos. Vêem-se por ali cilindros de granito, que foram fustes de colunas e muitos fragmentos de olaria romana.

Do forno de cerâmica, retiraram-se cestos de tijolos inteiros, alguns deles com *siglas*, e igualmente siglados eram os *brelhos* (de *imbriculus*), ou grandes tijolos que constituíam o lastro do mesmo forno.

A Noroeste da zona de construções ²⁹, viram-se restos de antigos mosaicos artísticos; e ladrilhos de pavimento descobrem-se a cada passo em grande quantidade.

No mesmo sítio, ao abrirem-se os alicerces para uma casa, apareceu uma cisterna de forma circular ³⁰, da natureza duma que estava e ficou no sítio onde se construiu o edifício da Junta Distrital à beira da Sé ³¹. É revestida de pedras perfeitamente iguais e dispostas segundo o sistema de *opus incertum*.

²⁸ Penso estarem estes materiais no espólio do Cónego Arlindo.

²⁹ Fui informado que ao serem abertos os fundamentos do bloco n.º 1 do Bairro dos C.T.T. na Rua Pero Magalhães Gândavo apareceu mosaico. Será do mesmo edifício?

³⁰ Um pouco mais acima, no local ocupado pela casa n.º ? na rua Pero Magalhães Gândavo apareceu um poço inserido num átrio lajeado. Ver texto 4.

³¹ Ver textos 7 e 8.

Decerto relacionados com a cisterna, apareceram junto dela caleiros de barro condutores de água a descoberto.

Foi também perto daqui que se desenterrou o pé (*meta*) dum moinho manual.

A remoção dos materiais dum pano de muralha romana e da entulheira que a encaixava de ambos os lados pôs à vista dos olhos um perfil arqueológico de várias camadas, diversas umas das outras, onde se poderiam estudar quatro ou cinco fases da história de Braga se houvesse uma entidade endinheirada, oficial ou particular, que custeasse as despesas respectivas, que não seriam de grande vulto.

Na parte mais funda a descoberto – não me parece improvável que haja outra mais abaixo – colhi há dias a rebarba duma ânfora romana. Vêm-se depois outras camadas bem nítidas, todas elas com espóleo, que devem corresponder aos períodos suévico-visigótico, moçárabe, medieval e moderno.

Seguindo-se o método de exploração inglês, exposto, com gráficos e fotografias, por Kathleen ab. Kenyon em *Beginning in Archaeology*, Nova Iorque, 1956; e que pouco difere do alemão, descrito pelo Rev. Dr. Domingos Pinho Brandão na revista portuense *Lucerna*, sem prejudicar a empresa construtora nem o empreiteiro, era fácil estudar cada uma dessas camadas e recolher objectos de cada um dos referidos períodos históricos.

Fotografava-se, media-se e desenhava-se o perfil vertical que está à vista. Escolhia-se em cima um lote de terreno aí de 100 metros quadrados. Depois ia-se cavando cada um desses quadrados e desenhando e fotografando, no próprio sítio, cada objecto que fosse aparecendo. Depois disso, seria cada objecto numerado, e, no papel, no lugar correspondente ao sítio onde ele estava, ficaria o mesmo número. Feito isto, já se podia levantar tudo e proceder a crivagem cuidadosa da terra. No desenho do perfil, nos traços correspondentes à respectiva camada, iam-se dispondo os números dos objectos achados nela. E isto até ao fim, até se encontrar a piçarra ou saibro virgem de qualquer entulho ou obra ou objecto de indústria humana.

Quem depois, no Museu cotejasse os números de cada objecto com os do perfil e da fotografia ou desenho de cada camada, ficaria logo a saber, com exactidão, onde tinham aparecido, e, por conseguinte, se eram pré-históricos, romanos, suévícos, visigóticos, moçárabicos, medievais ou modernos.

É pena que se perca a ocasião aliás oportuníssima, de se proceder a uma operação destas, de grande interesse científico para a história da milenária cidade de Braga.

TEXTOS 13

RELÍQUIAS DA “BRACARA AUGUSTA”

“Correio do Minho” 1-4-1964

Continuam os trabalhos da urbanização da zona de Maximinos a pôr a descoberto vestígios de velhas civilizações.

Os últimos temporais, se, por um lado, prejudicaram o exame da estratigrafia arqueológica, com repetidos desabamentos, em compensação patentearam aos estudiosos elementos de trabalho talvez impossíveis de conseguir doutra maneira.

Estão à vista mais paredes de velhas habitações e fragmentos de cerâmica e olaria dignos de estudo atento e cuidadoso.

Foram recolhidas amostras de “terra sigillata” ainda inédita – pelo menos faltam no, ao tempo, exaustivo trabalho publicado no vol. LXVIII da “*Revista de Guimarães*” pela Dr.ª D. Adília Moutinho de Alarcão – e foi possível reconstituir, no papel, a forma e ornamentação de alguns vasos.

Apareceram e estão a ser estudadas algumas moedas romanas de fácil identificação, de que darei conhecimento aos leitores; e ainda hoje, Segunda-feira de Páscoa, se me deparou parte do *rostrum* duma *lucerna romana*.

No arruado principal do novo bairro, apareceram dois grandes fustes certamente romanos, e aí mesmo se havia encontrado uma base de coluna da mesma natureza. As valas para o saneamento, abertas no saibro virgem de entulho, vieram demonstrar que no sítio não houve prédios a que essas pedras pudessem pertencer, donde se vê que rolaram dum ponto mais alto. E isso é confirmado por um cano de esgôto, de secção quadrada,

que desce a encosta no mesmo lugar. Revestido de pedras iguais muito bem aparelhadas, é pavimentada de tijolos, romanos segundo parece.

Em minha opinião, quem seguisse, cuidadosamente, esse cano, iria dar a uma *villa urbana* donde provieram as referidas pedras.

Além de tudo isto, que já é alguma coisa, têm aparecido brelhos inteiros e bem ornamentados, e algumas pedras com uma ou outra letra inicial gravada e bem visível, embora de significação difícil de atingir.

TEXTO 14

RELÍQUIAS DA "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 16-4-1964

Em cada dia que passa, mais se revelam as grandezas da antiga Braga dos Romanos e mais se nos confrange o coração ao vermos ficar debaixo da terra preciosas relíquias histórico-arqueológicas que muito podiam enriquecer o património científico da gloriosa Cidade dos Arcebispos.

Continuam a aparecer a descoberto paredes de velhas habitações, algumas de aparelho regularíssimo e bem apumadas ainda.

Por entre os escombros, descobrem-se fragmentos de olaria duas vezes milenária, e foi possível reconstituir no papel duas *pateras*, uma delas, artística e invulgar, com a marca do oleiro bem legível.

Terra sigillata surge a cada passo, e foram recolhidos numerosos exemplares, ainda inéditos alguns deles, que oportunamente se estudarão.

Deram entrada no Museu alguns tijolos com siglas e, além disso, dispositivos cerâmicos curiosos, com um fundo de barro e tijolos laterais com um orifício ao centro de aproximadamente cinquenta e cinco milímetros de diâmetro.

Alguns dos objectos recolhidos, e que vão ser estudados e classificados minuciosamente, elucidam-nos acerca do modo de viver de há dois mil anos. Tenho presente um peso de tear, *pondus* em latim, ou volante de fuso, sinais de que, naqueles velhos tempos, se praticava em Braga a tecelagem e a fiação ³².

Eram verticais os teares daquele tempo, e por isso os fios da urdidura, para se conservarem bem tensos, tinham sempre um peso, ordinariamente de barro, na extremidade. Pois um desses pesos, furado, como de costume, no lugar por onde passava o fio da teia, vai entrar no Museu dos Biscainhos.

Já naquele tempo era comum o desejo de parecer bem e de atrair as atenções. Havia, consequentemente, brio e cuidado no vestir, como ainda hoje o há, e nestas condições não se dispensavam enfeites.

Não causou, por isso, surpresa o aparecimento dum alfinete de cabelo, *acus camataria* ou *crinalis*, como lhe chamavam os Romanos.

Deparou-se-nos igualmente, e está bem acautelada, uma *conta de vidro* verde esmeralda que fez parte de um colar.

Além disso, tenho na minha presença uma *fibula de bronze* relativamente de grandes dimensões, 0,043 de diâmetro, igual a outra encontrada em Briteiros, reproduzida na Est. XXVII de *Citânia* e Sabroso de Mário Cardoso, e pertencente ao sexto grupo da *Colección Salmantina de Fibulas*, "fibulas hispánicas y derivadas", do padre Agostinho César Morán, estudo publicado no volume XLVIII da *Revista de Guimarães*.

³² É impossível determinar exactamente estas peças não só porque uma pequena parte se encontra no Museu dos Biscainhos como também muito raramente indicava nos objectos papel ou caixa que o envolvia o local do achado.

TEXTO 15

RELÍQUIAS DA "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 30-4-1964

Desperta cada vez mais interesse o que vai aparecendo na área da antiga cidade romana de Braga, na zona de loteamento de Maximinos.

Continuam a surgir do chão fragmentos de *terra sigillata* que constituía, com alguns vasos de bronze e de metais nobres, a baixela dos Romanos.

Tenho agora, porém, a comunicar o aparecimento de objectos especiais que convirá pôr em evidência: uma conta de vidro policromado e um objecto de bronze que termina em forma duma cabeça de carneiro.

Nem um nem outro objecto, no estado actual de adiantamento das ciências arqueológicas, constitui enigma de espécie alguma.

Foram efectivamente as contas desta natureza estudadas por diversos arqueólogos, desde os já falecidos Estácio da Veiga, Félix Alves Pereira e Armando de Matos, aos felizmente ainda vivos Luís Chaves, J. M. Cordeiro de Sousa e Mário Cardoso.

São de massa vítrea essas contas e de cor azul na relativamente larga zona central. Destinavam-se a ser enfiadas num cordel, para constituir um colar, e ostentam a cor vermelha, ou alaranjada, junto dos orifícios. As duas zonas vermelhas estão separadas da azul por uma coroa ou estrela branca de doze raios em ângulo agudo.

Os estudos até hoje feitos em Portugal acerca dessas contas estão compendiados na primeira parte do volume LXV, 1955, da *Revista de Guimarães*. Por aí se vê que é muito grande a área de dispersão, que vai da Síria à América e da África do Norte à Escandinávia.

Em Portugal, apareceram desde Valença a Silves.

Não são do mesmo tamanho essas contas: vão de 0m,010 a 0,054. Impressiona, porém, a coincidência, numas e noutras, da mesma matéria, cores e número de raios das estrelas ou coroas, sinal, segundo parece, de que exprimem o mesmo simbolismo e têm origem comum.

Mestre Luís Chaves considera de "aspecto mais arcaico" as de maiores dimensões, e Cordeiro de Sousa coloca as mais pequenas no número "das que no século XV eram fabricadas perto de Veneza, de onde irradiaram para diversos pontos".

A que tenho presente e apareceu em Braga, embora seja das pequenas, medindo somente 0,01 na maior dimensão, é muito anterior ao século XV: apareceu a mais dum metro de profundidade a contar da relva onde os bois pastam desde tempos imemoriais, estava no meio duma entulheira de tijolos e fragmentos de olaria romana, e perto do sítio onde ficou a descoberto um pedaço de mosaico e uma moeda do século III.

Apareceu na zona de Maximinos outro objecto, e lindo que é. terminado, como se disse, em forma de cabeça de carneiro, mede aproximadamente 0,25 de comprido e é de bronze. Encontrado no interior dum edifício romano onde se procede a uma sondagem³³ a expensas do Município bracarense, foi entregue pelos operários ao Sr. Presidente da Câmara, que o confiou ao Vereador da Cultura, sr. dr. Egídio Guimarães que, por sua vez, o passou às minhas mãos para estudo.

Não foi difícil identificar esta curiosa relíquia. Vem desenhado objecto igual na pág. 62 de *Bronces Hispanovisigodos del Origen Mediterránea - 1 - Jarritos y Patenas Litúrgicas*, por Pedro de Palol Salellas, Barcelona, 1950. É a *ansa* ou cabo duma *patera* ou *phiale*.

³³ A sondagem feita no lado norte da R. Santos da Cunha. Os materiais exumados entre os quais o cabo de pátera, foram publicados por Rigaud de Sousa, 1966. O cabo da pátera está à guarda do Museu dos Biscainhos.

Para comodidade dos leitores menos versados nestes assuntos, traduzo para a nossa língua a definição que dá de *patera* (palavra exdrúxula) Anthony Dich no seu precioso *Dictionnaire de Antiquités Romaines et Greques*:

— “*Patera (phiale)*. Vaso de forma circular e pouco profundo, semelhante a um *prato sopeiro*, que servia para conter líquidos e não sólidos, conseqüentemente para beber e não para comer. Usava-se principalmente nas libações. Enchia-se de vinho a *Patera* donde se derramava sobre a cabeça da vítima em cima do altar.

As *pateras (paterae)* de qualidade inferior eram de barro; as mais preciosas, de bronze, prata e algumas vezes de ouro, ricamente ornamentadas e dum belo trabalho. Algumas tinham um cabo ou manga que as mais das vezes lhes faltava.

Em Braga, já aparecera uma *patera de barro*, fragmentária mas que foi possível reconstituir no papel. Agora descobriu-se a *ansa* duma de bronze. Muitos outros segredos, ciosamente guardados pela terra, nos serão revelados, segundo creio.

TEXTO 16

RELÍQUIAS DE “BRACARA AUGUSTA”

“Correio do Minho” 29-7-1965

Como é do conhecimento dos nossos leitores, têm aparecido, na zona de Maximinos, numerosos objectos de interesse histórico e arqueológico.

Moedas romanas de vários reinados, fragmentos, alguns inéditos, de *terra sigillata*, pesos de tear e volantes de fuso, tudo nos tem chegado às mãos.

São, na grande maioria, do período romano esses objectos, mas também os há de outras eras.

Ainda há pouco apareceu uma linda machadinha neolítica que terá sido usada como amuleto ou incluída em qualquer sepultura.

Há tempos, quando, a expensas da Câmara Municipal, se procedia a uma sondagem arqueológica ³⁴, num sítio que ia ser, como efectivamente foi, terraplanado, vi a meus pés, caída dum montão de terra sobre um pavimento onde apareceram numerosas moedas romanas do Século IV, um artístico objecto de bronze decerto visigótico. Sem dúvida secção da asa superior duma grande vasilha, é ornamentada com uma dupla carda devida a hábil cinzel, e apresenta, de mais disso, três aves aquáticas incisas em dois planos: o de baixo caminha para a direita com uma cobra de água no bico; as duas do plano superior defrontam-se inamistosamente ³⁵.

Há poucos dias, entregaram-me, digo, venderam-me, um pedaço de nicho de côr amarela-esverdeada que pertenceu a um vaso de embocadura larga, semelhante aos que os romanos usavam colocar nas sepulturas com perfumes. O que, porém, ao menos em meu entender, dá valor a este fragmento de vidro, é ostentar, de forma bem visível, o monograma de Cristo.

Não conheço coisa semelhante em vasos recolhidos em museus. A não se tratar de um vaso eucarístico, como certamente ele não foi, vem este objecto confirmar o já sabido: que os Cristãos dos primeiros séculos continuaram com os costumes sepulcrais do paganismo, tendo somente o cuidado de os cristianizar ³⁶.

³⁴ Ver texto 15.

³⁵ No Museu dos Biscaínhos.

³⁶ Sobre este vidro, actualmente no Museu dos Biscaínhos, ver Rigaud de Sousa (1966) e Jorge de Alarcão (1970).

Que o referido monograma se usava em sepulturas, vê-se pela presença dele num túmulo antigo de mármore conservado nos claustros da nossa Catedral.

Os objectos aparecidos, depois de cuidadosamente classificados, darão entrada no Museu que a Junta Distrital de Braga trata de organizar no Palácio dos Biscainhos.

TEXT0 17

RELÍQUIAS DE “BRACARA AUGUSTA”

“Correio do Minho” 16-11-1966

Como é do conhecimento dos amados leitores, têm aparecido em Braga muitos objectos pré-históricos e romanos, e alguns deles, examinados, ou ainda em estudo, por especialistas, têm chamado as atenções para a Cidade dos Arcebispos como grande centro de Arqueologia.

Se as proximidades do Monte da Cadeia e a zona de Maximinos conservam ainda muitas preciosidades por desvendar, é agora o próprio interior do Seminário de Santiago, onde vivo, que dá assunto à observação e investigações dos estudiosos. uma sondagem feita no claustro de entrada, onde o Arcebispo Dom João Crisóstomo mandara plantar uma laranjeira comemorativa, manifestou, já na sexta-feira passada, a base opulenta duma rica e magestosa coluna de mármore. Continuada a escavação para descobrir uma parede que entestava com o plinto dessa coluna, foi encontrada, a cerca de oito metros de distância, outra base igual à primeira, e, perto dela, um capitel, igualmente de mármore, de origem coríntia. Junto da parede, que corre na direcção de Norte-Sul, acham-se variados fragmentos de cerâmica e olaria de épocas diversas e uma dezena de moedas romanas do Século IV.

Perto da base aparecida em segundo lugar, foi encontrado um segmento de fuste, de granito, de diâmetro inferior aos achados de mármore, e isso leva a supor que pertencia a outro edifício.

A pequena parte a descoberto não prejudica a hipótese, antes pelo contrário, de se tratar dum templo romano, ainda pagão não obstante as moedas constantinianas.

As obras de sondagem, já visitadas por S. Ex.^a Revm.^o o Sr. Arcebispo Primaz, prosseguem e prometem bons resultados. Do que for aparecendo, informarei os queridos leitores ³⁷.

TEXT0 18

A SEGUNDA INSCRIÇÃO ROMANA DO MUSEU DOS BISCAINHOS

“Correio do Minho” 28-4-1967

Na nota aqui publicada em 25 de Fevereiro, queixava-me, em termos quiçá lamurientos em excesso, da demora na organização do processo de restauro da Casa dos Biscainhos onde se vai organizar, a expensas da Junta Distrital de Braga, um Museu de Etnografia, História e Arte Regional ³⁸.

³⁷ Ainda não foram publicados os resultados destas escavações Rigaud de Sousa (1973, 19) refere-se, embora muito sucintamente, às escavações; Acuña Castroviejo (1974) estudou os mosaicos aqui aparecidos.

³⁸ “A primeira inscrição romana do Museu dos Biscainhos”.

Como, todavia, não há bem que sempre dure nem mal que sempre ature, o tão almejado trabalho sempre chegou, após várias peripécias; foi já aprovado, em princípio, pela Junta Distrital, na última reunião, e ainda esta semana seguirá para Lisboa, onde será examinado e aprovado pela Junta Nacional de Educação.

Posso desde já informar os amados leitores de que o conjunto do antigo solar, com palácio, jardim, pomar e mata, vai ficar, após as obras, que serão iniciadas ainda este ano civil, um verdadeiro encanto. Não deverei dizer ainda tudo quanto sei ³⁹, mas poderão os leitores estar certos de que, uma vez terminadas as obras de restauro, será o Museu inaugurado imediatamente com um recheio preciosíssimo que há-de deslumbrar os primeiros visitantes. É que graças a Deus, não desapareceram ainda todas as pessoas compreensivas e generosas da nossa Cidade e Distrito. Vai-se enriquecendo Braga com um património artístico precioso e sem igual.

Não se contentando com esperanças, aliás sólidamente fundamentadas, vai a Junta Distrital investindo, preservando da perda irreparável e recolhendo tudo quanto se lhe depara ao longe e ao perto.

Chegou-nos há tempo ao conhecimento que no antigo Talho do Igo havia umas pedras com letras, de algum interesse histórico ⁴⁰. Examinaram-se imediatamente esses objectos que, mediante licença da Câmara, deram entrada no palácio dos Biscainhos. São pedras trabalhadas, quase todas de enormes dimensões, que irei estudando oportunamente.

Por hoje darei relação dum grande cilindro de granito, com letras capitais romanas onde pude ler, com mais ou menos certeza, o seguinte:

M GC.
L E R I
Q O C L E T I
P . P . A V G .

A pedra onde se encontra gravada a inscrição é da variedade conhecida pelo nome de dente de cavalo, e, por isso, dificultou, e muito, o trabalho do lapicida.

Por isso mesmo, algumas letras são susceptíveis de diferente leitura. Na primeira linha, o M, que é tudo quanto resta de IMP. – Imperator. Imperador, é de interpretação segura. Bem assim o G. decerto abreviatura de GERMANICVS, e o C., que pode muito bem ser a inicial de CARPICVS.

Na segunda linha, houve uma letra, agora impossível de identificar com segurança, debaixo do M da primeira. Lêem-se, porém, perfeitamente as quatro de (VA) LERI.

O O do início da terceira linha pode pertencer à segunda, sendo, neste caso VALERIO um dativo.

Na quarta linha, parecem-me indiscutíveis os dois P.P. PATER PATRIAE – Pai da Pátria.

Há, porém, no Museu Dom Diogo de Sousa uma pedra quase igual, estudada pelo meu sábio antecessor Padre Martins Capela que lê P. F. – Pontífice Flámen ⁴¹.

³⁹ Sobre o Museu dos Biscainhos escreveu o Cónego Arlindo os seguintes artigos no "Diário do Minho": *O Museu de Etnografia e História* I, 4-1-1964; II, 7-1-1964; III, 12-1-1964; IV, 15-1-1964; V, 20-1-1964; VI, 20-1-1964; VII, 1-2-1964; VIII, 7-2-1964; IX, 21-2-1963; X, 2-3-1964; XI, 14-4-1964; XII, 9-5-1964; XIII, 12-6-1964; XIV, 20-6-1964; e no "Correio do Minho" de 4-3-1954 *O Museu de Etnografia e História e Para quando o Museu da Junta Distrital* 13-4-1966.

⁴⁰ A segunda inscrição do Museu dos Biscainhos. A pedra não foi encontrada no talho do Igo, mas no "Matadouro Velho" (actual casa de arrumações e oficina de carpintaria, pintura e ferreiro da Câmara), na rua do mesmo nome. Junto foram encontradas 3 inscrições tumulares (NOBREGA, vol. I, tomo I, pp. 293-299), e uma outra pedra que deve ser a pedra sepulcral do fundador dos Remédios, um capitel e um golfinho, talvez ornata de uma fonte. Informação do meu amigo Sr. Manuel Machado. Este senhor, companheiro do Cónego Arlindo em todas as suas andanças dos últimos 20 anos, foi quem encontrou estas pedras. Estão todas recolhidas no Museu dos Biscainhos.

⁴¹ M. CAPELA (1895, 209) e Russel CORTEZ (1958), referem-na.

As letras da pedra significarão:

AO IMPERADOR (CÉSAR) GERMÁNICO
CÁRPICO MÁXIMO VALERIO
DIOCLECIANO PAI DA PÁTRIA ÁVGVR.

Como já parecia ao Padre Martins Capela, o calhau não será pròpriamente um marco milenário, mas antes um monumento erecto em honra do Imperador Diocleciano, que, na verdade, se chamava Valério, e, após as vitórias sobre os respectivos povos, se cognominou *Germanicus* em 285 e *Carpicus* em 284, no ano precedente.

Diz Martins Capela que três destas pedras "jazeram por muito tempo num monturo ou pouco menos no adro da capella de S. Sebastião".

Lavradas para ser dispostas em sítios prèviamente escolhidos, uma está recolhida no Museu Dom Diogo de Sousa ⁴², a de que estamos a tratar baixou ao átrio do palácio dos Biscainhos; a terceira, que pode ainda ser encontrada se não foi já feita em pedaços, levou descaminho, e foi pena.

TEXTO 19

RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 2-7-1967

Com as obras em actividade em Braga e arredores, continuam a aparecer relíquias preciosas e elucidativas da vida e morte dos Romanos que a fundaram e possuíram até à invasão dos Suevos e Visigodos. Bastantes objectos se têm recolhido e estudado, mas devem ser muito mais numerosos os que se vão perdendo.

Bom seria, por isso, que as Autoridades administrativas encarregassem alguém, por exemplo, um estudante dos últimos anos, de percorrer essas localidades onde se pro-cede à abertura de valas para alicerces ou à remoção de terras para caves, a ver se por aí aparecia alguma coisa que merecesse ser acautelada, estudada e recolhida no Museu.

Se, mesmo sem esses cuidados, que me parecem imprescindíveis, aparece tanta coisa, que faria se houvesse alguém encarregado de impedir que verdadeiras preciosidades históricas e arqueológicas seguissem para a entulheira do Monte da Cadeia ⁴³.

Ainda há poucos dias o Sr. António Carvalho me confiou uma moeda romana, bastante danificada, é certo, mas que faltava ainda na já opulenta colecção a expor no Museu dos Biscainhos. Igual à que Teixeira de Aragão descreve, no catálogo do Gabinete numismático de El-Rei Dom Luís I, tem no anverso a cabeça do Imperador laureado e a legenda CONSTANTIVS NOB.C.; no reverso, um homem meio nu, voltado à esquerda, com a legenda GENIO POPVLI ROMANI. É, pois, este numisma uma moeda de Constâncio Cloro, marido de Santa Elena e pai de Constantino Magno. Tem, consequentemente, mais de 1661 anos porque Constâncio I ou Constâncio Cloro faleceu em 306 depois de Cristo.

Não é, porém, isto o motivo principal desta nota.

⁴² Deve haver engano ou então desapareceram, pois as três inscrições eram dedicadas, uma a Diocleciano (o da nota anterior), outra a Galério (CAPELA 1895, 215) e no Museu D. Diogo de Sousa segundo Russel CORTEZ (1958), e a terceira a Constâncio Cloro (CAPELA 1895, 218-219), também no Museu D. Diogo de Sousa segundo Russel CORTEZ (1958).

⁴³ Mais conhecida como Monte Castro. Sobre outros aterros ver texto 20.

Há dias, telefonou-me o sr. dr. Egídio Guimarães, Director da Biblioteca Pública de Braga, Vereador do Pelouro da Cultura e Delegado, neste concelho, da Junta Nacional da Educação, a comunicar que o brioso académico sr. Eduardo Alberto Pires de Oliveira estava a contas com umas antiguidades, perto da avenida Gomes da Costa, em frente dos Correios ⁴⁴. Apesar da escassez de tempo por estarmos em ocasião de exames, para lá dirigi sem demora e, logo ao chegar, se me deparou uma sepultura romana de incineração, donde tinha sido já retirada uma linda urna cinerária, ainda com cinzas, carvões e esquirolas de ossos a desfazerem-se em contacto com o ar.

Já não estava inteiro o monumento, porque o cortara o catrapilar, de lés-a-lés, quase pelo meio; e, além disso, uma construção antiga lhe tinha levado a testeira voltada a nascente.

A caixa sepulcral, feita de tijolo, era semelhante a muitas outras aparecidas em diversos sítios dos arredores da cidade, e tinha o lastro coberto duma espessa camada de cinzas, carvões e esquirolas de ossos.

No dia seguinte, 27 de Junho, com o auxílio da Câmara que mandou para lá dois homens e da Junta Distrital que paga as fotografias dessas relíquias arqueológicas, procedeu-se ao exame e recolha do espólio. Apareceu, no ângulo sudoeste da sepultura, outra urna tumular. Estava rebentada, com as raízes que dentro se multiplicaram, mas os fragmentos, recolhidos com todo o cuidado, vão permitir a reconstituição completa do interessante vaso.

Espalhadas por entre as cinzas e carvões, apareceram variados fragmentos de cerâmica, incluídos alguns de louça *sigillata*. Da parte destruída, foram também recolhidos alguns pequenos fragmentos de vidro, sem dúvida provenientes dum *unguentário* esfacelado na primeira violação.

Nestas condições, só falta um elemento essencial nas sepulturas romanas pagãs: a *lucerna* com moeda para pagar a viagem, segundo a crença de então, na barca de Caronte para os Campos Elíseos ⁴⁶.

Todos estes objectos vão dar entrada no Museu dos Biscainhos.

TEXTO 20

A TERCEIRA INSCRIÇÃO ROMANA DO MUSEU DOS BISCAINHOS

“Correio do Minho” 23-9-1967

Recorda ainda o prezado Leitor a nota aqui publicada em 2 de Julho do corrente. Descrevia uma sepultura romana apreçada perto do largo do Rechicho e em frente do edifício dos Correios, do lado do Nordeste ⁴⁶.

Mais tarde, apareceu ali uma secção duma *lucerna* romana e mais alguns fragmentos de cerâmica e olaria, tudo aliás de reduzido valor arqueológico ⁴⁷.

⁴⁴ Avenida da Liberdade n.º ?

⁴⁵ Estes achados funerários fazem parte de uma das necrópoles de Braga: a que ia do edifício do Turismo até ao dos Correios. Vários autores referem, ao estudarem materiais desta necrópole (OLIVEIRA 1978; SOUSA 1966 e o próprio Cónego Arlindo no texto 1). Os achados deste local foram depositados na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho pelo autor.

⁴⁶ Da mesma maneira outros aterros têm sido feitos para: Rua Infância 8, junto ao quartel, Quinta de Santa Maria, Fábrica Grundig (Ferreiros), Celeiroz, etc.

⁴⁷ Depositada na Unidade de Arqueologia.

Há dias, porém, surgiu das profundas da terra, do sítio onde escavavam os alicerces para um pilar de cimento, uma elegante estela funerária, ou seja, uma cabeceira de sepultura ⁴⁸.

Ostenta na parte cimeira um sexifólio ou estrela de seis raios simétricos, inscrito num círculo formado por duas cordas devidamente entrelaçados, e com margaridas nos intervalos dos raios.

A ladear a inscrição, está uma lança de cada parte com a lâmina voltada para cima.

O epitáfio lê-se sem grande esforço:

G. IVLIVS
INIAMI
LIBERTVS
PVDES
H.S.E.

Em português: Gaio Júlio pudente, liberto de (C?) iniamo está aqui sepultado ⁴⁹.

Pudes, em vez de *Pudens*, é cognome conhecido com a forma primitiva *Pudens*, nome de homem, regista-o o Dictionnaire Latin-Français de L. Quicherat, que o apresenta como usado pelo poeta satírico hispanico Marcial e como aparecido nas inscrições latinas.

O desaparecimento do *n*, que transformou *Pudens* em *Pudes*, explica-o muito bem, Niedermann, na preciosa *Phonétique Historique du Latin*. É o mesmo caso de *Libens* e *Crescens* que aparecem nas inscrições com a forma *libes* e *cresces*, respectivamente.

Mais difícil é reconstituir com segurança a segunda linha. A pedra está quebrada neste sítio, e a fractura danificou a primeira e a última letra da palavra. O final é, quase com certeza, MI. No princípio falta, antes do I, uma letra que só deixou um vestígio em cada lábio da fractura. Poderia ser um C. Neste caso, a palavra seria CINIAMI, genitivo de CINIAMVS que poderá ser um cognome derivado de *Cinium*, antiga cidade das Baleares, que aparece em Plínio, como CINNAMVS, duma inscrição de Chaves estudada por Mário Cardoso, provirá de CINNA, cidade que o Itinerário de Antonino situa na Dalmácia.

São preciosos os últimos achados, postos em relação com outros mais antigos, para a história da Braga romana. Fica agora estabelecida, quase com certeza, a localização da necrópole principal de Bracara Augusta. Com efeito, quando se procedeu à edificação da parte nova dos Correios, foram desenterradas três estelas funerárias, uma das quais parecida com a que estamos a estudar. Estão no claustro novo da Sé onde podem ser examinadas. E na antiga rua da Água, onde está o café do Cinelândia, apareceram bastantes *lucernas* que certamente estavam em sepulturas ⁵⁰.

Neste caso, a necrópole principiaria na antiga cerca dos Remédios, perto da qual passava a muralha romana, e estender-se-ia à Cangosta da Palha e até perto da Avenida Central.

⁴⁸ Prédio que faz gaveto da Av. da Liberdade com o Largo Dr. João Penha, lado Norte.

⁴⁹ A. TRANOY e LE ROUX (1973, 184-186). Leram (P)intamus em vez de (C)iniamos (ver texto 1).

⁵⁰ Ver Rigaud de SOUSA (1966, n.º 1-2-8-12-13-14). Estão todas no Museu dos Biscaínhos, actualmente. O café Cinelândia ficava na Av. da Liberdade n.º 682-706. Actualmente estão guardadas no Museu dos Biscaínhos.

TEXTO 21

A QUARTA INSCRIÇÃO ROMANA
DO MUSEU DOS BISCAINHOS

"Correio do Minho" 27-9-1967

Como é do conhecimento dos leitores amigos, começaram as obras no Patronato da Sé, que possui e ocupa o antigo palácio dos Cunhas Sotomaiores, também conhecido por Casa dos Alcaldes Mores de Braga, por alguns deles terem pertencido àquela família e habitado naquele prédio.

Derrubaram-se cobertos e rasgaram-se já trincheiras para novos alicerces.

Um alpendre abatido estava decorado por um pilar de pedra assente num cilindro com letras, esquadriado na parte inferior assente na terra. Examinado o pedregulho, averiguou-se que a extremidade quadrada, servirá de pia, talvez para a têmpera do ferro, e do outro lado, em tempo diferente, talvez fosse a base da bigorna dum mestre ferreiro.

Lida a inscrição com todo o cuidado e isenção de espírito, vi lá a seguinte legenda:

IMP. CAESAR DIVI...
AVG. PONT. MAXIMVS
IMP.X
TRIB. PO...

Está incompleta a inscrição, e por isso alguma coisa temos a considerar antes de propormos uma versão para a nossa língua.

Na primeira linha, vemos em nominativo o nome do homenageado que, nos marcos miliários, é muito mais vulgar em dativos, e não sabemos quem foi o *divino senhor* pai daquele glorioso (?) César. aceitemos, por favor, que tenha sido Nerva: DIVI (NERVAE P.).

Na segunda linha, lêem-se perfeitamente as duas primeiras palavras: AVG. PONT. O último nome desta linha, de qualquer forma que se interprete, deixa lugar a dúvidas. Se se lê como acima: MAXIMVS – *Pontífice Máximo*, é a primeira vez que vejo a palavra por extenso a qualificar o nome da dignidade: *Pont (ifex)* em abreviatura. Pensei em ver em MAXIMVS o nome de CAESAR assim chamado, mas esse não era filho de quem se chamava *divo* como não lhe competem os títulos desta inscrição.

Da palavra em estudo, lê-se sem a mais leve hesitação o M inicial, o VS final, o A e o X da primeira sílaba e ainda o traço vertical que se segue ao X. Tentei ver nesse traço a haste dum D e ler, depois de MAX, (DACIC) VS.

E efectivamente Trajano, filho do *Divino Nerva*, foi o primeiro Imperador romano cognominado *Dacicus*. Mas nem as cinco letras DACIC cabem no espaço da leitura duvidosa, nem os riscos que o tempo não deliu de todo se acomodam àqueles sinais gráficos. Temos conseqüentemente de aceitar a irregularidade: PONT.MAXIMVS.

Na terceira linha, é indiscutível a leitura de IMP. e quase certa a de X. Quer isto dizer que o homenageado da nova pedra dos Biscainhos fora aclamado Imperador dez vezes, pelos soldados do seu Exército, antes de ser reconhecido em Braga o esplendor da suas dez vitórias.

E sabe-se efectivamente que o Imperador Trajano, filho adoptivo do *divino Nerva* e de origem Ibérica, foi aclamado *Imperator*, pela décima e undécima vez, em 115 da nossa era, por isso há 1852 anos, que tal será a idade da pedra.

Na quarta linha, estão contadas de cima para baixo as três primeiras letras, e, depois do ponto que se segue ao B, com boa vontade, lê-se um P e podem-se adivinhar (OT.XXI), do Poder Tribunicio, Tribuno da Plebe, pela vigésima primeira vez, em 116, um ano depois de ser aclamado Imperador pela décima vez (115).

A inscrição aparecida na Casa dos Cunha e Sotomaiores e já agora no Museu dos Biscainhos, dever-se-á, pois, entender em português:

IMPERADOR CÉSAR FILHO DO
DIVO NERVA
ÁVGVR, PONTÍFICE MÁXIMO,
IMPERADOR PELA DÉCIMA VEZ,
DO PODER TRIBUNÍCIO.

Só o Imperador sevilhano Marco Úlpio Trajano reuniu em si, ao mesmo tempo, todos estes atributos. Por isso a ele foi consagrada a pedra em estudo.

TEXTOS 22

RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 10-4-1969

Andam obras por detrás do antigo quartel de cavalaria para a organização dum novo loteamento de habitações⁵¹. Como se trata de uma zona situada quase ao centro da antiga cidade romana, era natural que ali aparecessem relíquias da civilização do Povo-Rei. Prevendo isso, alguns alunos-mestres do Curso de Iniciação Arqueológica, nomeadamente Maria E. Ferreira, Eduardo de Oliveira, António Ribeiro e Álvaro e Egídio Guimarães, sem receio do ruído ensurdecedor dos tractores e escavadeiras mecânicas, deram-se ao cuidado de examinar o terreno revolvido, e colheram, já pela primeira, excelente fruto do seu esforço generoso.

Além de variados fragmentos de olaria, salvaram de perda irreparável a mó manual dum moinho, a base duma coluna e, o que é mais e muito melhor, duas *aras romanas*, ambas com inscrição⁵². Uma delas, muito danificada pelos golpes do tractor, só com mais vagar poderá ser decifrada. a outra, praticamente inteira, só com uma pequena fractura na voluta esquerda, pôde ser lida sem dificuldade de maior.

Com a legenda distribuída por cinco linhas, diz o seguinte:

SENAE
L.G.OV
AROVIVS
CANTABR
L.A.P.

Em português: - L(úcio) G(élio) Ovaróvio teve o prazer de mandar erigir em honra da (deusa) Sena. A deusa *Sena* aparece pela primeira vez, que eu saiba, na epigrafia. É, porém, vulgar na toponímia. Houve uma cidade assim chamada na Etrúria, hoje *Sienna*, outra na Macedónia, e ainda uma ilha, hoje *Sein*, perto da costa francesa em frente ao cabo *Finistérre*.

Ovarovius, nome do dedicante, natural da *Cantábria*, deve ser indígena, ou seja peninsular. L(úcio) G(élio) seria o patrono de quem o cantabriense Ovaróvio era liberto ou *cliente*. Ainda hoje há caseiros conhecidos pelos nomes dos senhorios.

L(íbens) A(ulmo) P(osuit) é uma fórmula muito vulgar que, à letra, significa: *com* prazer de alma colocou.

Apareceu um peso (*pondus*) de tear inteiro e um fragmento de *terra sigillata* hispânica ornamentada. Do que for aparecendo, daremos pressurosamente conta aos nossos leitores.

⁵¹ Zona a Norte e Oeste do muro do Convento da Regeneração (R. Santos da Cunha e Rua de ligação desta à Av. Imaculada Conceição). O terreno tinha sido revolvido para nivelar e construir as ruas citadas.

⁵² A. TRANOY e P. LE ROUX (1963, 169-202). Estes autores, leem de maneira diferente a inscrição: SENA/OREBI/ (A) RQVIS/ (C) ANTAB (R) /L.A.P. Recolhidas no Museu D. Diogo de Sousa.

TEXTO 23

RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 21-8-1969

Como nos três anos precedentes, estão em curso escavações arqueológicas na Falperra e nas zonas de loteamento de Maximinos.

Patrocinadas pela Câmara Municipal e pela Junta Distrital de Braga, destinam-se, além do treino dos alunos do Curso de Arqueologia, à recolha e estudo de objectos para o Museu.

Não são ainda espectaculares os resultados, mas alguma coisa apareceu já que justifica as despesas feitas e os esforços empregados.

Tanto na Falperra como em Maximinos, apareceram e estão à luz do dia paredes de diferentes épocas e fragmentos de cerâmica e olaria características de diversas civilizações. Surgiram, além disso, lá em cima, das entranhas da terra, uma interessante machadinha neolítica e, mais preciosa ainda, uma urna cinerária de grandes dimensões, fragmentada, mas com todas as suas partes e fácil de reintegrar⁵³.

Cá em baixo, foram recolhidas quatro moedas romanas, bastante valiosas, que consegui decifrar e passo a descrever:

- 1.^a – A mais antiga dessas moedas é um pequeno bronze de Cláudio II, o Gótico, que imperou somente dois anos, de 268 a 270.
Tem no anverso o busto do Imperador à direita, com a coroa radiada e a legenda: DIVO CLAVDIO: ao *Divino Cláudio*.
No reverso, a águia de pé à esquerda, com a cabeça voltada para a direita, e a legenda CONSECRATIO: consagração.
No exergo, se houve legenda, é agora irreconhecível.
- 2.^a – Apresenta no anverso a cabeça do Imperador, laureado e a olhar à direita, com a legenda CONSTANTINVS AVG: *Constantino Augusto*.
Vê-se no reverso a entrada duma cidade, com duas torres e uma estrela, de oito pontas, entre elas. A legenda PROVIDENTIAE AVGG significa à Providência dos Augustos.
Lê-se no exergo: SMANTB.
Está esta moeda muito bem conservada e é de apreciável raridade. Na *Descrição Histórica das Moedas Romanas* por Teixeira de Aragão, há uma, a n.º 2023, igual a esta excepto no exergo. A marca SMANTB existe aliás noutra numisma do mesmo Imperador, mas muito diferente da aparecida em Maximinos, no n.º 1996 do referido catálogo.

⁵³ Sobre a Falperra escreveu o Cónego Arlindo, além deste, imensos artigos:

Na Falperra, D.M., 9-8-1948

Santa Marta das Cortiças, 7-8-1949 e 21-8-1949

A Pré-História Bracarense o "castro" de Santa Marta, C.M. 20-8-1952

Esta Palavra Falperra, C.M. 19-2-1953

A Santa Marta do Alto, C.M. 12-3-1953

No "Oppidum" da Santa Marta, C.M. 14-10-1954; 11-11-1954; 25-11-1954

Escavações no "Oppidum" da Santa Marta, B.A., Braga, 5, 1954, pp. 241-243

Restos de Igrejas Visigóticas, *Teológica*, Braga, 1 (1) 1954, pp. 87-110 (nas pp. 93-97)

Monografias – A Cidade Velha da Santa Marta, D.M., 14-1-1955

No "Oppidum" da Santa Marta, C.M. 20-1-1955 e 24-2-1955

Questões de Toponímia, VI – Falperra E.R., 1-8-1960

A Falperra na Arqueologia e no Turismo, 3-6-1973; 26-6-1973 e 8-7-1973

- 3.º – Tem no anverso o busto do Imperador à direita laureado e com paludamento. A legenda: IMP. CONSTANTINVS P.F. AVG significa: *Imperador Constantino, Pontífice, Flámen, Augusto*. No reverso, vê-se o Sol radiado, meio nu, de pé, à esquerda com a mão direita levantada e na outra o globo.
No campo: M.P.
No exergo: ARLP
Na riquíssima coleção de El-Rei Dom Luís I, hoje em Lisboa no Museu de Numismática, não há moeda inteiramente igual a esta.
- 4.º – No anverso, o busto do Imperador com paludamento e face voltada à direita e a legenda: D.N. CONSTANTIVS P.F. AVG – *Nosso Senhor Constâncio, Pontífice, Flámen, Augusto*. No reverso: o Imperador em pé, olhando à esquerda, com o ceptro e o *laborum* onde se lê o símbolo cristão Pax; por detrás uma Vitânia a coroar o Monarca com uma palma. Legenda: SPES REIPVBLICE – *Esperança da Nação*.
O exergo é infelizmente ilegível.
É esta moeda de Constâncio II, filho de Constantino Magno e neto de Constâncio I ou Constâncio Cloro de quem há um valioso numismo aparecido há anos na Falperra.

E assim se vão carregando materiais para a documentação da gloriosa Bracara Augusta.

TEXTO 24

RELÍQUIAS DE “BRACARA AUGUSTA”

“Correio do Minho” 14-10-1969

Como, a seu tempo (10 de Abril), relatei neste diário, têm sido descobertas, na zona de Maximinos e por detrás do palácio das Carvalheiras, relíquias arqueológicas de certo valor.

Além das aras com inscrição de que se falou, apareceram os alicerces de parte do templo pré-cristão a que elas pertenceram ⁵⁴ e sinais do pavimento de mosaico romano esmigalhado pelos tractores e escavadoras. Recolheram-se também algumas moedas dos Séculos III e IV, já lidas e classificadas, prontas, por isso, para dar entrada no Museu.

Ultimamente, porém, tornou-se novamente um centro de interesse a zona do bairro dos funcionários dos C.T.T. ⁵⁵. Passava por ali a muralha da cidade romana; e, já quando se procedeu à terraplanagem para a construção das casas do bairro, ali apareceram várias coisas, inclusivamente moedas romanas e uma cisterna revestida de pedra disposta de forma a constituir o aparelho denominado por Vitruvius *opus quadratum*.

⁵⁴ Achamos inaceitável que os alicerces em questão com mosaico no interior, possam ser tão facilmente classificados como pertencentes a um templo pré-cristão, se não se fizeram mais escavações em volta. Achamos mais correcto, classificá-los como pertencentes a uma sala de algum edificio.

⁵⁵ Sobre essa escavação, ver a comunicação de Eduardo Oliveira e J.J. Rigaud de Sousa – Subsídios para o estudo das Olarias Bracarense – apresentada em Lugo no XV Congresso Nacional de Arqueologia e que sairá nas actas. Ver também o texto n.º 22, assim como os textos 19 e 20.

Agora, ao escavarem-se os caboucos para novas construções, começaram a aparecer lindas paredes romanas em perfeito estado de conservação, caleiros de pedra e de barro do mesmo tempo, fragmentos de *terra sigillata*, tijolos, uns inteiros e outros fragmentados, e cerâmica de vários tipos e procedências.

Como se isso não bastasse, surgiram à luz do sol bases e fustes de colunas em número verdadeiramente impressionante, alguns dos quais já deram entrada no Museu, enquanto outros, embora já à vista, estão ainda presos da terra que os cobre em parte.

O local foi visitado, além de outras individualidades, pelo sr. Presidente da Câmara, que forneceu alguns jornaleiros para a remoção dos escombros, e pelo sr. Vice-Presidente da Junta Distrital, que nunca abandona assuntos destes.

É digno de louvor o procedimento dos alunos-mestres do curso de Iniciação Arqueológica, nomeadamente Eduardo de Oliveira e Álvaro Guimarães, que aproveitam as horas livres das obrigações escolares para acompanharem os operários da construção civil e os condutores das máquinas de obras, e assim impedirem o maior número de perdas e de estragos.

Além do que fica enumerado, alguma coisa começa a aparecer que se poderá vir a considerar sensacional.

TEXTOS 25

RELÍQUIAS DA "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 20-10-1971

No perímetro outrora ocupado pela cidade romana de Braga, tem vindo à luz do dia vários objectos, a maior parte infelizmente fracturados, e relíquias dos velhos tempos, como: moedas de prata e bronze, inscrições, vidros e louças e monumentos de pedra.

Podem-se, além disso, considerar identificadas as quatro portas da *Bracara Augusta*, todas assinaladas por necrópoles situadas da parte exterior e à margem das vias que saíam por cada uma delas, como era de uso na própria Roma.

A porta oriental, a *dextra*, dava para a actual rua do Raio, onde foi recolhido valioso espólio arqueológico romano, nomeadamente uma *estela funerária* com inscrição latina completa, recolhida nos Biscaínhos ⁵⁶.

Em frente a estas sepulturas romanas, fica o Colégio Teresiano que fazia parte duma herdade de nome evocativo, a quinta das *Portas*.

Chama-se igualmente das *Portas*, a Casa dos Cunhas e Sotomaiors, onde funciona o Patronato da Sé, no Pópulo.

Dava para esta zona outra porta, a *praetoria*, e por isso me não admirei de que, ao abrirem-se os alicerces para as habitações marginais da rua Alfêres Ferreira, por trás da Casa do Gato Bravo, haja aparecido também um cemitério romano que a seu tempo descrevi neste mesmo jornal ⁵⁷.

Outra porta, a *decumana*, ou *principalis*, dava para a rodovia era fronteira no sítio onde hoje funcionam as novas oficinas da Livraria Cruz. Também aqui apareceram restos de sepulturas romanas, hábilmente exploradas pelo brioso académico Eduardo de Oliveira a quem a Arqueologia em Braga já deve serviços relevantes.

A restante porta, a *sinistra*, oposta à que dava para a rua do Raio, ia sair à zona de Maximinos. Aí apareceu também variado material funerário, nomeadamente um vidro gravado com o monograma de Cristo, considerado até agora objecto único no género e que irá enriquecer o Museu dos Biscaínhos ⁵⁸.

⁵⁶ Ver textos 19 e 20.

⁵⁷ Ver texto 16.

⁵⁸ Ver texto 16.

Esta zona de Maximinos, onde se organizou um loteamento já em grande parte urbanizado, é rica em espólio arqueológico, que infelizmente vai desaparecendo.

Para salvar o que for possível, as nossas Autoridades administrativas, Câmara Municipal e Junta Distrital, vêm patrocinando escavações levadas a efeito, em cada um dos últimos anos, pelos estudantes do Curso de Iniciação Arqueológica e dirigidos por uma comissão constituída pelo Sr. Prof. José Rigaud de Sousa, pelo Sr. Dr. Egidio Guimarães e pelo signatário destas linhas.

Têm aparecido preciosos fragmentos de *terra sigillata*, moedas romanas de vários Imperadores, objectos arqueológicos de uso doméstico, material que se vai acumulando em nossos museus.

Há dois anos, na zona do bairro dos Funcionários dos C.T.T. e junto dum troço da muralha primitiva, deparou-se-nos um átrio hipóstilo duma morada romana com uma cisterna ao centro. Estavam ainda de pé as colunas que seguraram, durante, pelo menos, quatro séculos, a trave donde pendia a roldana própria para elevar o balde da água.

O poço ou cisterna é perfeitamente cilíndrico e revestido de paralelepípedos dispostos à fiada. Apresenta a intervalos regulares uma cintura de tijolos, decerto para marcar os diversos níveis da água.

Servia este poço de reservatório de água potável e por isso lá ia dar um aqueduto de arcos de meio ponto de aduelas constituídas por tijolos. Corresponde o conjunto exactamente ao modelo desenhado no *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques, Paris, 1873*, por Anthony Rich, s.v. *puteus*, poço. É a nossa todavia mais elegante, pois o aqueduto representado no dicionário é exclusivamente de tijolos, ao passo que o de Maximinos tem como fecho de arcos uma cunha trapezoidal de granito. O aparecimento duma moeda de Tito, T. VESPASIAN (79-81) informa-nos de que o poço foi aberto e guarnecido ainda no Século I, facto igualmente conhecido pelo achado de uma fíbula e de elementos de terra sigillata da mesma época.

A actual campanha de escavações só demorou umas escassas três semanas. Na zona revolvida há anos com os trabalhos de terraplanagem, abriram-se agora alguns quadrados que revelaram curiosa estratigrafia arqueológica donde se recolheu espólio de algum interesse. Perto dos muros da quinta dos Condes de S. Martinho, sobre os alicerces duma casa de tipo castrejo ⁵⁹, foi posta a descoberto uma sala rectangular romana, ainda com restos de mosaico policromo, muito danificado e por isso com desenhos impossíveis de reconstituir. Reconheceram-se ainda assim tesselas de côr vermelha, amarela e branca ⁶⁰.

TEXTO 26

A FONTE DO ÍDOLO

“Correio do Minho” 28-12-1971

Chama o “Diário do Norte” de 20 do corrente a atenção dos bracarense para a falta de asseio e por isso mau estado de conservação do monumento conhecido pelo nome de Fonte do Idolo, e propõe a transferência dele para a cerca do Museu em organização no palácio dos Biscaínhos.

Têm efectivamente sido numerosas as queixas acerca da falta de resguardo da preciosa relíquia que Braga quase desconhece e por isso não tem sabido valorizar turisticamente ⁶¹.

⁵⁹ Participámos nesta sondagem e nada vimos de construções castrejas ou qualquer estrutura minimamente semelhante.

⁶⁰ Sobre esta escavação, ver texto 24 e nota do mesmo texto.

⁶¹ São em tanta quantidade as notícias sobre o estado de abandono deste monumento nacional, que nem tento sequer enumerá-las.

Consta o histórico monumento de duas esculturas romanas abertas a cinzel num rochedo natural de granito da região e de três inscrições latinas do Século I da nossa era.

A leitura da inscrições e o exame das esculturas levantou vários problemas ainda hoje em discussão entre os eruditos da especialidade.

Até há pouco tempo, seguiam os arqueólogos e linguístas a versão do grande mestre José Leite de Vasconcelos exarada nos volumes II e IV da *Revista Lusitana* e no tomo II da obra monumental *Religiões da Lusitânia*. Hoje, porém, após o aparecimento de *Religiones Primitivas de Hispania*, Madrid, 1962, por José Maria Blázquez Martínez, nota-se a necessidade de rever o problema para cuja solução se devem aproveitar a etnografia, a arqueologia e a linguística.

Hoje em dia, os especialistas bracarenses apaixonados por estes assuntos vão escasseando desoladoramente. Há, não obstante, no estrangeiro, estudiosos que se continuam a interessar pelos nossos assuntos, nomeadamente pela Fonte do Ídolo. Alguns até me têm batido ao ferrolho a solicitar esclarecimentos e bibliografia que, mercê de Deus, não escasseia.

Daqui se vê a necessidade de conservar sempre em boa ordem o monumento de que legitimamente nos podemos ufanar.

Todavia a remoção para os Biscaínhos é difícilima na prática e legalmente impossível.

Tecnicamente, não é nada fácil cortar da rocha viva um conjunto escultórico, que decerto foi o retábulo dum velho templo pré-cristão, levatá-lo daquele sítio fundeiro e conduzi-lo ao recinto dum museu onde, aliás, destoaria do novo ambiente.

Além disso, um imóvel – no nosso caso, paradoxalmente removível – declarado monumento nacional ou pelo menos de interesse público, não se pode restaurar, deslocar nem modificar sem um projecto elaborado por um técnico competente e aprovado pela respectiva sub-secção da Junta Nacional de Educação ⁶².

Demais, um monumento como aquele, desviado do sítio para onde foi feito, perderia muitíssimo do seu valor, e os estudiosos deixariam de o poder interpretar convenientemente.

A propósito, verifico que o especialista esplendor acima referido não sabia, e decerto ainda não sabe, que ali existiu uma ara romana, agora no Museu D. Diogo de Sousa, com a seguinte inscrição:

NABIAE
RVFINA
V.S.L.M.

e não pôde por isso relacionar NABIA com NABIAGOI da fonte.

O que se deverá fazer será, conseqüentemente, mandar imprimir postais ilustrados: com o conjunto escultórico; outro com a figura principal; um terceiro com a edícula e os anexos incluída a legenda respectiva; e ainda um quarto com a ara arrecadada no Museu D. Diogo de Sousa.

Essa colecção de quatro postais ilustrados acerca da Fonte do Ídolo daria lucro porque, sem dúvida, se venderiam facilmente, fariam propaganda do monumento que, sendo como passaria a ser, mais visitado, por nacionais e estrangeiros, ficaria melhor preservado dos malefícios da matulagem pequena e grande.

⁶² A Fonte do Ídolo, é monumento nacional desde 5-5-1970.

TEXTO 27

RELÍQUIAS DE "BRACARA AUGUSTA"

"Correio do Minho" 2-8-1973

Quando hoje, 27 de Julho, de manhã, chegava ao Seminário de Santiago, onde resido, recebi um telefonema do Sr. Paulo de Sousa Claro a comunicar que na Rua do Souto, em frente à ourivesaria Venâncio, se havia desenterrado uma pedra com letras ao se retirarem os últimos trilhos do eléctrico de saudosa memória.

É digno de louvor e imitação o procedimento do Sr. Paulo Claro. Se houvesse muito quem assim procedesse, evitava-se a ruína e a perda irreparável de muitas coisas úteis para o estudo, que vão surgindo neste contínuo revolver de um solo fecundo em velharias como é o leito da antiga Braga dos Césares de Roma.

Desta vez, foi exacta a intuição do Sr. Paulo Claro: acertou cem por cento (100%) em lhe parecer de interesse a pedra que examinou de relance ao passar para o seu escritório.

Ao chegar ao sítio indicado por aquele senhor, vi logo uns rapazes serviçais que me ajudaram a limpar e aliviar doutros pedregulhos o precioso monumento, e procedi sem demora à leitura que aliás poucas dificuldades oferecia.

Algumas letras estavam danificadas com o volver dos séculos e com os boléus que a pedra levou em aproximadamente 2 000 anos, mas a leitura, que poderá vir a ser corrigida em alguns pormenores, é mais ou menos assim ⁶³:

MA. AGRIPPAE M.F.
NEPOTI AVG CAES AVG
BRACARAVGVSTANI

O A da primeira palavra consiste só num traço horizontal no segundo ângulo do *M*.

Desdobrando-se as abreviaturas, nada mais fácil do que traduzir a inscrição para português; A Marco Agripa, filho de Marco, Neto de Augusto César Augusto os Bracaraugustanos.

A pedra é um monumento erecto pelos Bracarenses de há 2 mil anos em honra de Agripa.

Fala-nos a História de dois Agripas, além de Herodes que teve o mesmo cognome. Ambos foram filhos adoptivos de Augusto. O primeiro casou com Júlia, filha do Imperador, e dela teve dois filhos: Gaio e Lúcio; o segundo, filho do primeiro, foi igualmente adoptado por Augusto, no ano 4 antes de Cristo, mas não sei quando morreu nem os cargos que exerceu.

Foi no entanto este, de nome completo, Marco Agripa Júlio César, o homenageado pelos nossos antepassados. Sabemo-lo porque o primeiro não era filho de Marco nem neto de Augusto.

Qual o motivo da gratidão dos Bracarenses? Por enquanto não o sabemos. Pode ser que futuros achados preencham mais páginas da nossa história antiga ⁶⁴.

⁶³ Encontra-se no Museu D.-Diogo de Sousa . Rigaud de Sousa (1973, 28) apresenta uma leitura um pouco diferente: M. AGRIPPAE M. G/NEPOTI AVG CAESAR/BRACARAVGVSTANI.

⁶⁴ Sobre este local ver ainda o texto 28.

TEXTO 28

UMA PEDRA E UMA MOEDA

"Correio do Minho" 14-9-1973

Quando, em dois de Agosto, no final da nota acerca da pedra aparecida na Rua do Souto, dizia que futuros achados poderiam vir a preencher mais páginas da nossa história ⁶⁵, tinha já em vista uma moeda examinada sumariamente em Bouro, mas ainda em mãos alheias.

Devido à gentileza de um bom e generoso Amigo, esse belo numisma é hoje meu e irá enriquecer o Museu dos Biscainhos se eu ainda for vivo quando ele se inaugurar.

Consultada agora, no remanso do gabinete, a minha bibliografia referente à numismática romana, verifico que a moeda, muito bem conservada e de cunho aberto em honra de M. Agripa, pai de outro Agripa homenageado pelos nossos bimilenários antepassados, talvez permita uma hipótese acerca do motivo de os Bracaraugustanos terem homenageado o Agripa filho.

Com a cercadura granulada e em bom estado de conservação, ostenta no anverso o busto de Agripa à esquerda com a coroa rostral e a legenda:

M. AGRIPPA. LCF. COS.III

David R. Sear, na pág. 90 de *Roman Coins and Their Values*, Londres, 1970, apresenta o nítido desenho de uma semelhante a esta, só com as diferenças da falta do C entre o L e o F e da inclusão de um ponto (.) depois do L.

O nosso Teixeira de Aragão, nas págs. 229 e 256 das *Moedas Romanas* de D. Luís I, Lisboa, 1970, descreve o mesmo numisma de forma exactamente igual à do referido Autor inglês.

E com isto já é tempo de traduzir para português a legenda do meu exemplar de moeda de Agripa; *Marco Agripa*, filho de Lúcio César, Cônsul pela terceira vez.

Sabe-se efectivamente que Marco Agripa foi pela terceira vez eleito Cônsul em 27 antes de Cristo, tendo César Augusto por Colega.

Ainda mais interessante e, ao que parece, inédito é o reverso do meu exemplar de moeda de Marco Agripa: *Agripa* de coroa radiada voltado à direita, de corpo nú, mas de manto a esvoaçar preso nos ombros, governa uma quadriga de alazões galopantes. Em baixo, a legenda: *TR POT COS II* – Tribuno da Plebe (e) Cônsul pela 2.ª vez.

Entre a pata dianteira do último cavalo da direita e o último I da legenda propriamente dita, consegui ler a palavra BRIVIO onde ela parece ter sido cunhada.

Adolf Schulten em *Los Cántabros y Astures y su Guerra con Roma*, Madrid, 1943, descreve largamente acção militar de Agripa na Cantábria, onde havia "la región de *Briviesca*" que teria por certo a cidade de *Brivio* por capital.

Como se disse, representa ela no reverso Agripa a governar uma quadriga, cena referente a episódio ocorrido depois de 29 antes de Cristo, data do segundo consulado do célebre genro e filho adoptivo de Augusto.

Que episódio seria esse? Não consta que Agripa fosse um campeão em concursos hípicas. Poderia, porém, ter sido o fundador dum hipódromo na região *bivriesca* onde exerceu, pelo menos até 19 antes de Cristo, ano em que se operou a rendição definitiva dos Cântabros, funções militares e administrativas.

Eram os estádios ou hipódromos frequentes nos principais centros romanizados. Eu mesmo visitei há poucos anos o de Mérida (*Emerita Augusta*) e há menos tempo ainda o de Santiago de Cacém (*Mirobriga*). É que os romanos costumavam seguir a boa política de atrair os povos vencidos das montanhas para as planícies, distribuindo-lhes terras aráveis, e de os lisongear de todos os modos possíveis. Um dos melhores processos de os conservar fiéis a Roma era, já se vê, organizar-lhes campos de jogos onde os vencidos se pudessem divertir de camaradagem com os vencedores.

⁶⁵ Ver texto 27.

Braga, a *Bracara Augusta dos Romanos*, devia possuir também o seu estádio ou hipódromo cujas ruínas podem muito bem aparecer em qualquer sítio das proximidades, por exemplo, nas planícies de Lomar. Pode ser que Agripa, filho do homónimo vencedor dos Cântabros, tenha merecido a gratidão dos nossos antepassados por ter aqui organizado um circo ou estádio quando entre nós exerceu funções públicas, talvez a de Questor.

Tudo isto, porém, só terá razão de ser se a moeda em estudo for autêntica e não uma das falsificações de que fala J. Leite de Vasconcelos na pág. 21 de *Numenclatura Numismática*, Porto, 1958.

TEXTO 29

ISIS AUG. E ANNONA AUG. EM BRACARA AUGUSTA

“Correio do Minho” 21-12-1973

Na rua da Senhora do Leite, na fachada norte da capela de N. Senhora da Glória, há uma pedra romana com uma inscrição gravada em belos caracteres latinos que dizem o seguinte:

*Isidi. Aug. sacrum
Lucretia Fida Sacerd. perp.
Rom. et Aug.
Conventus Bracaraug. D.*

A dedicatória, copiada e traduzida por muitos epigrafistas, desde o nosso Albano Belino ao alemão Emílio Hübner, e ao sábio português J. L. de Vasconcelos, contendo embora algumas abreviaturas, é de leitura relativamente fácil.

Diz em vernáculo:

*Conservado a Isis Augusta,
sendo Lucrecia Fida sacerdotisa perpétua da circunscrição bracaraugustana pelos Romanos e pelos Augustos.*

(A circunscrição bracaraugustana) *dedicou.*

Esta legenda é, como se vê, de grande valor epigráfico, e é citada por A. Ernaut, na pág. 103 de *Morphologie Historique du Latin*, Paris, 1935, para mostrar que é longa, por isso aqui representada por *uns*, a sílaba final da genitiva do singular dos substantivos de tema *us*.

Agora, porém, só me interessa chamar a esclarecida atenção dos amáveis leitores para o apelativo de *Augusta* atribuído a *Isis*.

Isi, *Isidi* no dativo da inscrição bracarense, era uma divindade pré-cristã do Egipto, cujo culto se espalhou no Império trazido pelos soldados romanos ali em serviço de soberania às ordens de César, Marco António e Augusto. No Ocidente Peninsular, foi adorada, além de o ser em Braga, pelo menos em Chaves, como se pode ver em *Algumas Inscrições Lusitano-Romanas da Região de Chaves* por Mário Cardoso, Chaves, 1943, pág. 9.

Os romanos costumavam conferir o título de *Augusto*, (a) a algumas divindades, próprias ou importadas. Assim aconteceu com *Annona* cuja figura foi gravada em baixo-relevo numa linda moeda do Século I de que possuiu um exemplar aparecido em Maximinos. De avantajadas dimensões, apresenta no anverso a cabeça nua dum Imperador (Druso Júnior, Cláudio ou Nero?) voltada à direita e em volta uma grande legenda de que aliás só se lê, com relativa segurança, o final *AVG.N.*

No reverso, aparece uma figura feminina, de pé, com a cornucópia segura no braço esquerdo e duas espigas na mão direita sobre um altar.

É a imagem de *Annona* expressamente nomeada na legenda: *Annona Aug(usti)*.

A parte de *Augusti* que reproduz entreparêntesis, está rompida na moeda aparecida em Maximinos; mas António Domingos Simões Coelho, em *Numismática da Lusitânia*, Lisboa, 1972, pág. 122, fala de *Annona Augusti* nas moedas de Nero.

Todavia os numismas com *N* (epos) na legenda do anverso são de Druso Júnior, neto de Augusto por ser filho de Tibério, este por sua vez, filho adoptivo e gente de Augusto: *Drusus Caesar Ti. Aug.F.Divi Aug.N.* – César Druso, filho de Augusto Tibério e neto do Divo Augusto.

Annona, nome derivado de *annus*, o ano, não era propriamente uma divindade de carácter pessoal, mas a personificação da colheita anual abundante.

Nas moedas vem muitas vezes associada a *Ceres*, a deusa dos cereais. Uma vez, porém, personificada, tinha imagem com atributos próprios, como a *Abundância*, a *Segurança*, a *Tranquilidade*, a *Liberdade*, etc..

A moeda que tenho presente e irá enriquecer o museu dos Biscainhos é extremamente rara: faltava na riquíssima colecção de El-Rei Dom Luís, como se pode verificar em Teixeira de Aragão, Lisboa, 1870, e está omissa em *Roman Coins* por David R. Sear, Londres, 1970. Parece ter sido cunhada em Leão.

Não deixa de ser interessante a coincidência de aqui em Braga, a *Bracara Augusta dos Romanos*, se terem juntado duas divindades mitológicas, uma egípcia e outra latina, ambas honradas com a dignidade de *Augusta*.

TEXTO 30

RELÍQUIAS DA “BRACARA AUGUSTA”

“Correio do Minho” 16-10-1974

Na zona de Maximinos, a meio da encosta das Carvalheiras, prosseguem obras de terraplanagem e de arranjo bem novo ⁶⁶, loteamento para completar uma cidade satélite de Braga.

Como os trabalhos em curso são já muito dentro da velha muralha romana, era de prever o aparecimento por ali de algumas velharias de interesse. Estimulado por esse pressentimento, o sr. Dr. Miguel de Sousa ⁶⁷, na companhia dum técnico francês professor na Universidade de Poitiers, procedeu ali a uma sondagem arqueológica a expensas da Câmara Municipal.

Só foi possível trabalhar durante duas semanas, mas os resultados não se fizeram esperar e foram bem compensadores.

Em boa hora surgiu um grande muro de aparelho romano de dezenas de metros de comprimento e de aproximadamente dois de altura nos pontos onde estava mais bem conservado. A intervalos regulares, é o granito dessa parede interrompido por umas faixas de quatro filas de tijolos a todo o comprimento.

Faixas de tijolos a intervalos regulares não são coisa nova em Maximinos: mais abaixo, perto do bairro dos funcionários dos C.T.T. apareceu há anos um poço do século I revestido de paralelepípedos entremeados de tijolos.

O muro da encosta das Carvalhas corre aproximadamente na direcção Norte-Sul, estando por conseguinte com a face voltada a Poente.

⁶⁶ Rua Damião de Góis, Rua Dr. Rocha Peixoto, Rua dos Bombeiros Voluntários e prolongamento da Rua Pêro Magalhães Gândavo.

⁶⁷ O nome do arqueólogo português, é J.J. Rigaud de Sousa e não Miguel de Sousa; o Professor da Universidade de Poitiers era o Prof. Alain Tranoy; a sondagem foi na rua Damião de Góis, sensivelmente no passeio, entre os prédios n.º 122 e 156.

Só está à vista um cunhal em ângulo recto, o norte-poente. Perto dele, havia uma porta de serviço com as ombreiras agora deslocadas. Mais abaixo, há um pequeno quadrado e com um debrum de tijolos.

Esse importante conjunto sugere-nos a fachada posterior dum grande edifício romano, talvez do Século I. Quem sabe se não seria o *praetorium* ou sede do comando e administração da *Bracara primitiva*. Neste caso, da parte de cima, lado oriental, onde se não escavou e onde seria o pórtico de entrada, devem aparecer obras de arte, objectos e compartimentos que nos permitam classificar aquilo sem grande receio de erro.

Para já, temos de nos contentar com os poucos achados que, sendo modestos, se não podem considerar despidiosos.

Até agora, desenterraram-se:

- 2 grandes pedras romanas com almofadado
- 1 fragmento sigilado do gargalo dum pequeno vaso de bronze
- 1 pequeno cilindro de granito, parte dum colunelo romano
- 1 moeda romana de Constantino Magno
- 1 grande fragmento dum vaso de rebarda horizontal, mas sem ornamentação, por isso diferente dos estudados por Afonso do Paço em *Homenagem a Martins Sarmento*
- 1 conta dum colar de côr azul-escura
- Fragmentos de *terra sigillata hispânica*
- Vários fragmentos de cerâmica doméstica possivelmente romana.

E agora que fazer àquelas opulentas ruínas? Não prosseguir nas pesquisas e deixar destruir aquilo tudo ^{68?}

Lí na revista espanhola *Ampúrias* que em Tarragona se procedera há anos à terraplanagem dum terreno nos arrabaldes da cidade para a construção duma fábrica. Começando a aparecer pedras lavradas, obras de arte e diversos objectos arqueológicos, examinou-se tudo muito bem, suspenderam-se as obras e escolheu-se outro sítio para a fábrica.

Com escavações metódicas e em bases científicas, surgiu à luz do dia uma opulenta necrópole romana com grande riqueza epigráfica e arqueológica. É hoje uma das estâncias arqueológicas mais ricas do Mundo, logo a seguir a Pompeia. Visitado, em cada ano, por dezenas de milhar de turistas, rende à cidade muitos milhões de pesetas e à Nação grande riqueza em divisas.

Não poderá vir a contecer o mesmo em Maximinos?

E precisa Braga de novos centros de atracção, porque os forasteiros não vêm se não tivermos que lhes mostrar; e o triângulo turístico e a talha das igrejas estão a ser muito pouco para os atraír à nossa querida terra.

TEXTO 31

O TEMPLO DE ISIS EM BRAGA

“Diário do Minho” 20-1-1976

A verdadeira história de Braga está ainda por escrever. Temos, porém, alguns bons estudos já feitos cuja compilação bem aproveitadinha se não poderia conter só num volume por maior que fosse. Apesar disso, muito há ainda que investigar. É preciso até relembrar o que já se soube, mas se esqueceu com o tempo. Está neste caso o templo de Isis, personagem mitológica do Egipto, a quem os Bracarenses, bem como os Flavienses prestaram um culto velho de dois milénios.

⁶⁸ Infelizmente o destino foi bem trágico: na manhã seguinte ao último dia da sondagem, voltámos a passar por lá e tivémos a “feliz sorte” de ver que tinha sido totalmente destruído durante a noite.

Esse culto idolátrico pode ter vindo com os veteranos de Júlio César, companheiros de Octávio que aqui mesmo estabeleceu um acampamento, base militar, para a conquista da Galécia de Além-Minho. Sabe-se que foi dessa bem munida posição que procedeu a nossa *Bracara Augusta*.

O templo de Isis, esposa de Osíris, era onde hoje está a capela de S. Geraldo, e dela resta uma bela inscrição latina situada na fachada posterior dessa capela na rua da Senhora do Leite. Diz em bom latim expresso em caracteres gravados no I Século que o monumento foi erecto por Lucrécia Fides, sacerdotisa de Roma e dos Augustos para a circunscricção bracarense (*Conventus Bracaraugustanus*).

À esquerda de quem entra na rua do Souto há uma outra inscrição latina, esta incompleta, que diz:

CONDITVM.SVB.
IMP.CAESARIS
PATRIS.PATRI

A meu ver, esta segunda pedra, embora escrita noutro tempo e em caracteres diferentes, refere-se ao mesmo templo de Isis. Quererá dizer: (templo) edificado no tempo do Imperador César... Pai da Pátria.

Jorrava aí uma água, considerada já miraculosa no tempo de Isis, e em que até ao Século XVIII se dessedentavam e refrescavam os cristãos bracarense que nela viram força curativa por obra e graça de S. Nicolau e de S. Geraldo.

Ora essa água ainda existe e nunca desapareceu nem sequer com os calores e a seca do Verão passado. Alimenta o chafariz do claustro do palácio dos Biscainhos onde já está a bem dizer organizado o Museu Regional de Braga.

Mais arrazoado para quê? Melhor será transcrever duas páginas do precioso livro manuscrito *Memórias de Braga* por João Baptista Vieira Gomes, de 1834:

"Com efeito a tradição fala que durante o pontificado do glorioso S. Geraldo em tempo em que ele mandou erigir ao seu advogado S. Nicolau a capela que ora tem o nome do seu fundador como já se disse no artigo da catedral, o mesmo santo arcebispo encontrara proximamente à sua fundação uma corrente de água que se dizia datava da época do templo de Isis ou Osíris e em cuja se lavavam os gentios antes de entrar no templo a celebrar os seus ritos ou cerimónias.

Esta corrente foi mandada guardar e apurar por ter sido preservativo contra a heresia no tempo em que o Apóstolo Sant'Iago se serviu dela para converter os mesmos adoradores de Isis e baptizá-los com ela.

Neste sentido obsequioso e miraculoso do santo Arcebispo alguns fiéis faziam uso daquela água como medicinal e tanto que, posteriormente, à morte de S. Geraldo, houve tempo em que a mesma água se bebia em honra de S. Geraldo, sentido que deu motivo a erigir-se perto um nichosinho em que se venerava a imagem do Santo; e da frequência e uso da bebida daquela água os fiéis obtinham o remédio que desejavam.

É esta água a que passa e corre pelo pequeno vácuo subterrâneo aos degraus da escada, tendo até aí sido encanada e desde este ponto até aos Biscainhos onde sai francamente para uso doméstico de um particular, circunstância que ocultou aos olhos a sobredita água e escurecer-se a sua virtude.

É este portanto o motivo porque existem os óculos em dois degraus referidos e a porta no pedestal, aqueles para livre trânsito do ar e aquela para toque da mesma água e vigia da sua corrente".

Os "óculos" estão nos degraus que conduzem à porta principal da Igreja da Mesericórdia e a "porta", de ferro, fica em frente à Livraria Cruz.

O "nicho", em estilo gótico, vê-se à esquerda de quem olha para a porta principal da capela de S. Geraldo. Considerava-se de Santo Ovídio. Deu-se depois como de S. Nicolau. Pelo visto, é de S. Geraldo.

BIBLIOGRAFIA

- ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1974) – Consideraciones sobre los mosaicos portugueses del convento Bracaraense, em *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*; Vol. I, Porto, 1974, pp. 201-210.
- (1974 I) – Mosaico Romanos de Hispânia Citerior III, Conventus Bracaraugustanus, *Studia Archaeologica*, 31, pp. 1974.
- (1977) – Divindades Romanas en Bronce del Convento Bracaraense, *Bracara Augusta*, Braga, 29 (79-80), pp. 145-153, il.
- ALARCÃO, Jorge (1970) – Abraded and engraved late Roman glass from Portugal, *Journal of Glass Studies*, Corning, 12 pp. 28-34.
- CAPELA, Martins (1895) – Milliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal, Porto, 1895.
- CORIS, F. Russel (1958) – *Catálogo do Museu D. Diogo de Sousa*, Braga.
- FEIO, Alberto (1950) – Dois bronzes romanos, *Bracara Augusta*, Braga, 2 (1) pp. 1-4, il.
- LE ROUX, Patrick; Tranoy, Alain (1973) – Rome et les indigènes dans le Nord-Ouest de la Peninsule Ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'Histoire, *Mélanges de la Casa de Velasquez*, 9, Paris, pp. 177-231.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1978) – O salvamento de Bracara Augusta IV – Os Apontamentos Arqueológicos de Braga de José Teixeira, *Mínia*, Braga, 2.ª série, I (1) pp. 20-44.
- (1980) – O Salvamento de Bracara Augusta 7. Antigos Achados. Tentativa de interpretação crítica, *Actas do I Seminário de Arqueologia do NO Peninsular*, vol. 3, Guimarães, pp. 107-116.
- ROSÁRIO, António do (1973) – *Falam Documentos*, Braga, s/e.
- SOUSA, J.J. Rigaud de (1966) – Subsídios para a arqueologia Bracaraense, *Lucerna*, Porto, 5, pp. 589-599.
- (1973) – Subsídios para a carta arqueológica de Braga, *Studia Archaeologica*, Santiago de Compostela, Valladolid, 23.
- SOUSA, J.J. Rigaud de; Oliveira, Eduardo Pires de (1982) – Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 24 (2), pp. 359-369, il.
- TEIXEIRA, Carlos (1938) – Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracaraense. A Fonte do Ídolo e o Culto de Nabia, *Prisma*, Porto, 2(3), Dez. 1938, pp. 145-153.

Abreviaturas utilizadas:

- D.M. – DIÁRIO DO MINHO – Jornal
C.M. – CORREIO DO MINHO – Jornal
E.R. – ESCOLA REMOÇADA – Jornal
B.A. – BRACARA AUGUSTA – Revista

ÍNDICE TEMÁTICO

O índice temático que aqui se apresenta destina-se a facultar uma leitura mais acessível da documentação fornecida pelo Cónego Arlindo da Cunha nos seus escritos.

Os achados foram classificados em grandes grupos, apresentados por ordem alfabética: bronzes, cerâmica, elementos de arquitectura, epigrafia funerária, epigrafia honorífica, epigrafia votiva, escultura, fornos, habitações, miliários, mós, moedas, muralha, necrópoles, poços e vidros. Segue-se o local do achado (1), seguido de um número de série que remete para o mapa em anexo, a descrição dos achados (2), a data do achado, quando é conhecida (3), local de depósito (4), sempre que possível e as referências bibliográficas (5).

BRONZES

Comendador Santos da Cunha, R. (lado Norte) [40]
cabo de patera; asa de sítula (visigótica?)
1964
Museu dos Biscaínhos
CM 30.4.64; CM 29.7.65; SOUSA 1966

CERÂMICA

Bombeiros Voluntários, R. (ext. O) [59]
t. sigillata (v. epigrafia votiva; elementos de arquitectura)
1969
CM 10.4.69

Comendador A. Santos da Cunha, R. [190]
lucerna (v. necrópoles; moedas); cerâmica comum
1964
CM 26.1.64; CM 5.2.64; CM 13.2.64; CM 1.4.64

Damião de Góis, R. [42]

cerâmica variada (v. elementos de arquitectura; moedas; vidros)

1974 nas escavações de R. de Sousa e A. Tranoy

MDDS (?)

CM 16.10.74

Francisco Sanches, R. [19]

telha e louça (v. elementos de arquitectura)

achados em 1953 na demolição das casas entre a R. do Souto e o Largo de S. João

CM 26.2.53

Liberdade, Av. da (lado Este) [26]

lucerna; cerâmica variada (v. necrópoles)

Museu dos Biscaínhos

CM 2.7.67; SOUSA 1966

Pero Magalhães Gândavo, R. (lado Este) [36]

t. sigillata e cerâmica variada (v. elementos de arquitectura; moedas)

1969

Museu dos Biscaínhos

CM 14.10.69; SOUSA e OLIVEIRA 1982

Pero Magalhães Gândavo, R. (lado Oeste) [190]

cerâmica (v. elementos de arquitectura; poços; fornos; moedas).

1964; 1969

CM 5.2.64; CM 13.2.64; CM 23.10.71

ELEMENTOS DE ARQUITECTURA*Bombeiros Voluntários, R. dos (ext. SO)* [59]

base de coluna (v. cerâmica; epigrafia votiva)

1969 no revolvimento para nivelar e construir o prolongamento da Santos da Cunha – N e O do muro O da Regeneração

CM 10.4.69

Comendador Santos da Cunha, R. [43]

fustes, base de coluna, esgoto

1964

CM 1.4.64

Comendador Santos da Cunha, R. [40]
pedras almofadadas, muros de habitação
1964 num corte profundo do terreno
CM 26.1.64

Damião de Góis, R./ Bombeiros Voluntários, R. dos [59]
muros (v. moedas; mosaicos)
1969 no quarteirão entre a Damião de Góis e a R. dos Bombeiros Voluntários
CM 14.10.69; 23.10.71

Francisco Sanches, R. [19]
pedras, colunas, capitéis, bases (v. cerâmica; epigrafia; habitações)
1953 na demolição das casas entre a R. do Souto e o Largo de S. João
MDDS (?) - não identificados;
CM 26.2.1953; CM 26.3.1953

Imaculada Conceição, R. [120]
muro, aqueduto, caleiros, tégula, colunas (villa rústica?)
1960 no sítio das fábricas Francor e Etna
DM 3.6.60

Pero Magalhães Gândavo, R. (lado Este) [36]
muros, tijolos, bases, fustes, caleiros (v. cerâmica; moedas)
1969
Museu dos Biscaínhos
CM 14.10.69; SOUSA e OLIVEIRA 1982

Pero Magalhães Gândavo R. (lado Oeste-NO da Esc. Primária Max.) [190]
base de coluna, fuste, ombreira de porta, ladrilhos de pavimento
(v. poços; fornos; cerâmica)
1964 em desaterros
Museu dos Biscaínhos (base de coluna)
CM 5.2.64; 13.2.64

Tribunal do Trabalho, Edifício do [16]
pedras almofadadas, bases de coluna, capitéis (v. poços; mosaicos; moedas; epigrafia)
1958 no Gaveto da Sé c/ a R. Gonçalo Pereira
Museu Pio XII; Tesouro da Sé
DM 19.1.1958; DM 15.3.1958; ROSARIO 1973 Nº 133, 135, 137, 143, 145, 153, 157; 158,
571

Santiago, Seminário de (claustro) [12]
bases de coluna, capitel, colunas, muros
1966 nas escavações do claustro
Museu Pio XII
CM 16.11.66; SOUSA 1973, 19; ACUÑA CASTROVIEJO 1974

EPIGRAFIA FUNERÁRIA

CTT, Edifício dos [25A,B,C,D]
4 estelas
Tesouro da Sé
CUNHA 1953, 242-252; LE ROUX e TRANOY 1973, 186-191

D. Afonso Henriques, R. [113C]
estela (ALBVR/A CAT/VRONIS/FC LETI/OBRI A/NN LXX/HSE)
1952 quando se abriu a R. para saneamento
Tesouro da Sé
CM 13.11.52; LE ROUX e TRANOY 1973, 193-195

Francisco Sanches, R. (Casa do Passadiço) [19A]
ara (D.M.S/CAMILLAE RVFIN/ANNORVM L/VIRIVS RVFINVS/CONIVCI CARIS/
SIME MF)
1952 num dos muros do solar; Casa do Passadiço 1987
CM 13.11.52; CM 11.12.52; LE ROUX e TRANOY 1973, 191-192; TRANOY 1981

Liberdade, Av. da (lado Este) = Largo do Rechicho [29A]
estela decorada (v. necrópole; cerâmica; vidro) (C.IVLIVS/[PJINTAMI/LIBERTVS/
PVDES/H.S.E)
1967 junto do largo do Rechicho
CM 23.9.67; TRANOY e LE ROUX 1973, 184-186

EPIGRAFIA HONORÍFICA

Souto, R. do [29A]
inscrição a Agripa (M.AGRIPPAE M.F/NEPOTI AVG. CESAR/BRACARAVGVSTANI)
1973 ao serem retirados os trilhos do eléctrico em frente à ourivesaria Venâncio
MDDS
CM 2.8.73; SOUSA 1973, 28; TRANOY 1981

Souto, R. do [6]

inscrição (CONDITVM SUB/IMP. CAESARIS PATRIS PATRIAE)
encontra-se na porta lateral Norte da Sé
CM 20.1.76; CIL 2421

EPIGRAFIA VOTIVA

Bombeiros Voluntários, R. dos (ext. O) [109]

2 aras votivas (SENA/ICO/ARQVIS/CANTABR/LAP-102) (AMBI/OREBI/ARQVIVS/
CANTABR/LAP)
1969
MDDS
CM 10.4.69; TRANOY e LE ROUX 1973, 169-202

Ídolo, Fonte do [102] [116]

inscrição a Nabia
1936
MDDS ?
CORTEZ 1958 ; TEIXEIRA 1938 ; TRANOY 1981

N. Senhora do Leite, R. da [106]

inscrição a Isis
encontra-se na parede da Sé
CM 20.1.76

ESCULTURA

Sé, Rossio da [16]

2 estatuetas de bronze: 1 Minerva e 1 Baco (v. mosaicos; moedas)
1958 juntamente com outros achados
MDDS; Baco – desaparecido
CM 19.1.58; ACUÑA CASTROVIEJO 1977; FEIO 1950

FORNOS

Pero Magalhães Gândavo, R. (lado Oeste) [190]

forno de cerâmica (v. elementos de arquitectura; cerâmica)
1964
CM 5.2.64; CM 13.2.64

HABITAÇÕES

Francisco Sanches, R. [19]

Edifício com colunata - domus? (v. elementos de arquitectura; cerâmica; epigrafia?)
1953 na abertura da rua
MDDS não identificados
CM 26.2.1953

Tribunal de Trabalho, Edifício [16]

Edifício com colunata - domus? (v. elementos de arquitectura)
1958
Museu Pio XII; Tesouro da Sé
DM 19.1.68; DM 15.3.58

MILIÁRIOS

Carvalheiras, Campo das [s/n]

cilindro epigrafado dedicado a Diocleciano (miliário?)
1967 no antigo Matadouro Municipal, na rua do Matadouro Velho
Museu dos Biscaínhos
CM 28.4.67

Conselheiro Torres e Almeida, R. - Patronato da Sé [191]

miliário ?
1967 num muro
CM 27.9.67

Francisco Sanches, R. (Casa do Passadiço) [19B]

miliário de Nerva que serviu como pio do lagar
CM 13.11.52

Francisco Sanches, R. [19]

cilindro epigrafado (miliário?)
1953 na abertura da rua
CM 26.2.53

Patronato da Sé = Lr. Conselheiro Torres e Almeida [144]

miliário de Nerva
1967

Tribunal do Trabalho, Edifício do [16]

pedra com grandes letras
encontrada em 1958 no Gaveto do Rossio da Sé com a R. D. Gonçalo Pereira
CM 19.1.58

MOEDAS

Damião de Góis, R. N.º 122 a 156 [42]

moeda de Constantino Magno

1974 nas escavações de Rigaud de Sousa e A. Tranoy

MDDS (?)

CM 16.10.74

Damião de Góis, R./Bombeiros Voluntários, R. dos [59]

moedas dos sécs. III/IV (v. elementos de arquitectura; mosaicos)

1969 no quarteirão entre a R. Damião de Góis e a R. dos Bombeiros Voluntários

CM 14.10.69

Pero Magalhães Gândavo, R. (lado Oeste) [190]

moedas (uma de Gallienus)

1964; 1969

CM 1.4.64

Santiago, Seminário de (claustro) [12]

moedas séc. IV (v. elementos de arquitectura)

1966

Museu Pio XII

CM 16.11.66

Santos da Cunha, R. [190A]

moeda de Galieno (v. necrópoles)

1964 em desaterros

CM 5.2.64

Santos da Cunha, R. (lado Norte) [40]

moedas do séc. IV

1964

Museu dos Biscaínhos(?)

CM 29.7.65

Sé, Rossio da = Tribunal do Trabalho, Edifício do [16]

moedas (v. mosaico; escultura)

1950

CM 19.1.58

Tribunal do Trabalho, Edifício do = Sé, Rossio da [16]

moeda de Constante I (v. elementos de arquitectura; epigrafia; mosaico)

1958 no gaveto da Sé com a R. Gonçalo Pereira

Museu Pio XII? Tesouro da Sé?

DM 15.3.58

MÓS

Pero Magalhães Gândavo, R. (lado Oeste) [190]

mó

1964

CM 13.2.64

MURALHA

Comendador Santos da Cunha, R. [190A]

muralha composta por grandes blocos (v. arquitectura)

1964

CM 26.1.1964; CM 13.2.64; CM 5.11.64; CM 13.11.64

NECRÓPOLES

Alferes Ferreira, R. (lado Oeste) [159]

6 sepulturas, tijolos, placas de mármore

1953 nos alicerces de casa em construção

Museu Pio XII (elementos soltos)

CM 15.10.1953; ROSÁRIO 1973, 60-61 e 65; 65A

Imaculada Conceição, Av. [129]

sepulturas

1971 em frente ao sítio onde funcionam as oficinas da livraria Cruz

CM 23.10.71

Liberdade, Av. da (lado Este) = *Lr. do Rechicho* [27]

sepultura de tijolos de incineração com espólio (v. cerâmica; vidros; epigrafia funerária)

1967 perto do largo do Rechicho

Museu dos Biscaínhos

CM 2.7.67; OLIVEIRA 1978 ; 1980; SOUSA 1966

Liberdade, Av. da N.ºs 68-706 [26]

lucernas que estavam em sepulturas

1967?

Museu dos Biscaínhos

CM 23.9.67; SOUSA 1966, N.ºs 1, 2, 8, 12 a 14

Santos da Cunha, R. [190A]

sepultura de tijolos com moeda do séc. XII e lucerna

1964 em desaterros para novas construções

CM 5.2.64

POÇOS

Pero Magalhães Gândavo, R. [36/190]
poço (v. elementos de arquitectura; fornos; moedas; cerâmica)
1964; 1969
CM 5.2.1964; CM 13.2.64; CM 23.10.71

Tribunal do Trabalho, Edifício do [16]
poço (v. elementos de arquitectura)
1958
CM 13.2.1964

VIDROS

Damião de Góis, R. [42]
vários vidros (v. elementos de arquitectura; moedas; cerâmica)
1974 nas escavações de R. de Sousa e A. Tranoy
MDDS (?)
CM 16.10.74

Liberdade, Av. da [27]
unguentário (v. necrópoles; cerâmica; epigrafia funerária)
1967 perto do largo do Rechicho
Museu dos Biscaínhos
CM 2.7.67
OLIVEIRA 1978; 1980; SOUSA 1966

Maximinos [s/n]
vaso
1964
Museu dos Biscaínhos
CM 29.7.65; SOUSA 1966; ALARCÃO 1970

Pero Magalhães Gândavo, R. [36/190]
conta de vidro
1964
CM 30.4.64

ÍNDICE GEOGRÁFICO

Este índice fornece os achados por locais de proveniência, apresentados por ordem alfabética. Segue-se o número de série do achado e a sua descrição e finalmente a bibliografia.

Alferes Ferreira, R.

- 159 – necrópole.
1953, Museu Pio XII, CM 15.10.53.

Bombeiros Voluntários, R. dos

- 102/116 – epigrafia votiva.
1969 MDDS, CM 10.4.69.

- 59 – elementos de arquitectura; cerâmica
1969, CM 10.4.69.

Carvalheiras, Campo das

- 191 – miliário.
1967, M. dos Biscaínhos, CM 28.4.67.

C.T.T., Edifício dos

- 25 – epigrafia funerária
tesouro da Sé, CUNHA 1953, 242-252.

Comendador Santos da Cunha, R.

- 40 – cabo de patera, asa de sítula, cerâmica.
1964, M. dos Biscaínhos; CM 30.4.64; CM 29.7.65.
- lucerna, moedas cerâmica comum, necrópole?
1964, CM 26.1.64; CM 5.2.64; CM 13.2.64; CM 1.4.64; CM 5.2.64.
- elementos de arquitectura.
1964, CM 1.4.64.

- 34 – muralha.
1964, CM 26.1.64; CM 13.2.64; CM 5.11.64; CM 13.11.64

- 190 – moedas séc. IV.
CM 29.7.65.

Conselheiro Torres e Almeida, R.= Patronato da Sé

- 144 – miliário.
1967, CM 27.9.67.

D. Afonso Henriques, R.

113C – epigrafia funerária.

1952, Tesouro da Sé; CM 13.11.52.

Damião de Góis, R.

42 – cerâmica, elementos de arquitectura, moedas, vidros.

1974, MDDS, CM 16.10.74.

Damião de Góis, R. / Bombeiros Voluntários, R. dos

59 – elementos de arquitectura, moedas.

1969, CM 14.10.69; 23.10.71.

Fonte do Ídolo

30 – fonte, epigrafia votiva.

1936, MDDS; CUNHA 1952.

Francisco Sanches, R.

19 – elementos de arquitectura, habitações, cerâmica.

1953, CM 26.2.53; CM 26.3.53.

19A – epigrafia funerária (Casa do Passadiço).

1952, CM 13.11.52; CM 11.12.52.

19B – miliário de Nerva (Casa do Passadiço).

1952, CM 13.11.52; CM 26.2.53.

Imaculada Conceição = Rodovia

120 – muro, aqueduto, caleiros, tégula, colunas (villa rústica?).

1960, sítio das fábricas Francor e Etna; DM 3.6.60.

129 – necrópole.

1971, CM 23.10.71.

Liberdade, Av. da

29 – cerâmica, vidro, necrópole.

1967, M. dos Biscainhos, CM 2.7.67.

29 – epigrafia funerária.

1967, CM 23.9.67.

26 – cerâmica, necrópole.

1967, M. dos Biscainhos, CM 23.9.67.

27 – cerâmica, necrópole.

Nossa Senhora do Leite, R. (fachada da S_)

- 106 – epigrafia votiva.
CM 20.1.76.

Pero Magalhães Gândavo, R.

- 190 – mó, moedas, poço, conta de vidro, forno de cerâmica, elementos de arquitectura.
1964, CM 13.2.64; CM 5.2.64; CM 13.2.64; CM 1.4.64; CM 23.10.71; CM 30.4.64.
- 36 – elementos de arquitectura, cerâmica, moedas.
1964, Museu dos Biscaínhos; CM 14.10.69.

Seminário de Santiago - claustro

- 12 – elementos de arquitectura, cerâmica, moedas.
1966, Museu Pio XII; CM 16.11.66.

Souto, R. do

- 6 – epigrafia honorífica.
1973, MDDS; Cm 2.8.73.

Souto, R. do (fachada da Sé)

- 109 – epigrafia honorífica.
CM 20.1.76.

Tribunal do Trabalho, Edifício do Rossio da Sé

- 16 – escultura, elementos de arquitectura, poço, moedas, epigrafia.
1958 MDDS, Museu Pio XII, Tesouro da Sé; DM 19.1.1958; DM 15.3.1958; CM 13.2.1964.

LISTA DAS RUAS POR ORDEM ALFABÉTICA

- 1 – Alfêres Ferreira, R.
- 2 – Bombeiros Voluntários, R. dos
- 3 – Carvalheiras, Campo das
- 4 – C.T.T., Edifício dos
- 5 – Comendador Santos da Cunha, R.
- 6 – Conselheiro Torres e Almeida = Patronato da Sé
- 7 – D. Afonso Henriques, R.
- 8 – Damião de Góis, R.
- 9 – Fonte do Ídolo
- 10 – Francisco Sanches, R.
- 11 – Imaculada Conceição = Rodovia
- 12 – Liberdade, Av. da
- 13 – Nossa Senhora do Leite, R.
- 14 – Pero Magalhães Gândavo, R.
- 15 – Seminário de Santiago
- 16 – Souto, R. do
- 17 – Tribunal do Trabalho = Rossio da Sé

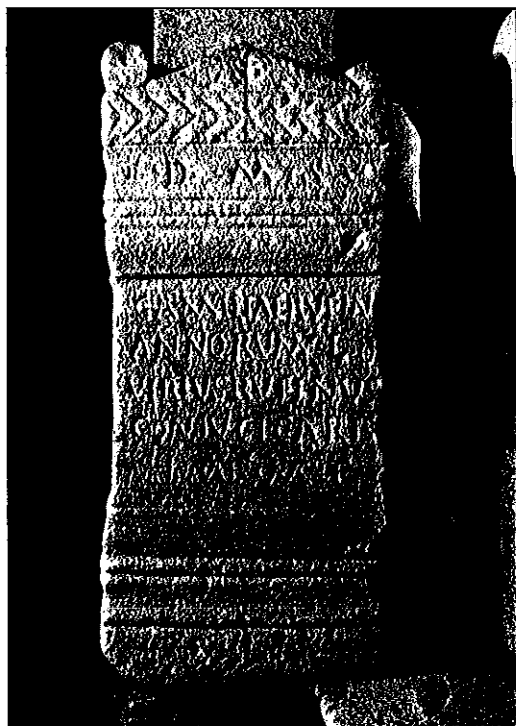


Mapa de Braga com localização dos achados referidos nos textos (Os números no mapa correspondem aos números dos textos).

ESTAMPA II



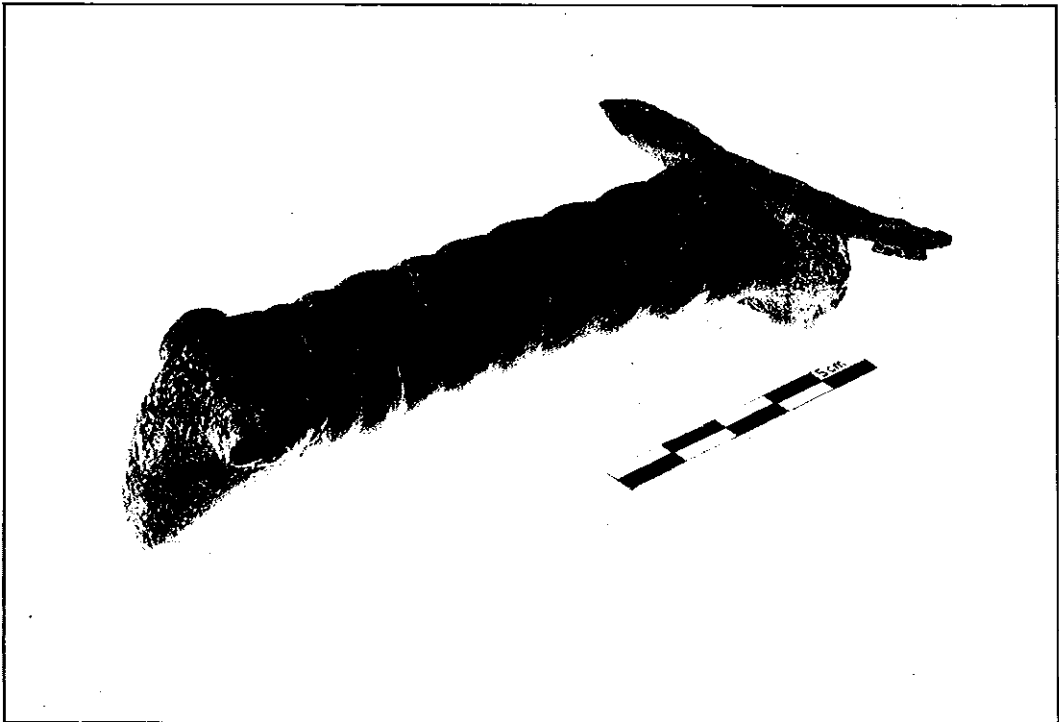
1 Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha com um grupo de estudantes de arqueologia. Escavação na Falperra em 1967.



2 Inscrição a Camila Rufina (texto 2).



1 Estatueta de Minerva em bronze (texto 7).



2 Cabo de pátera em bronze.

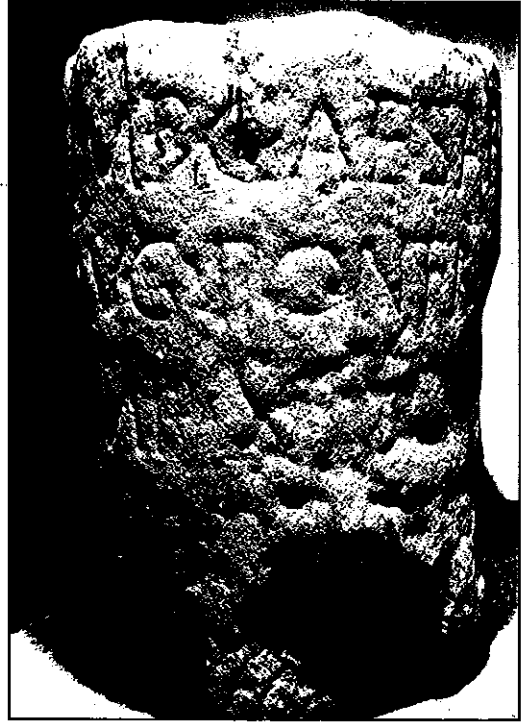
ESTAMPA IV



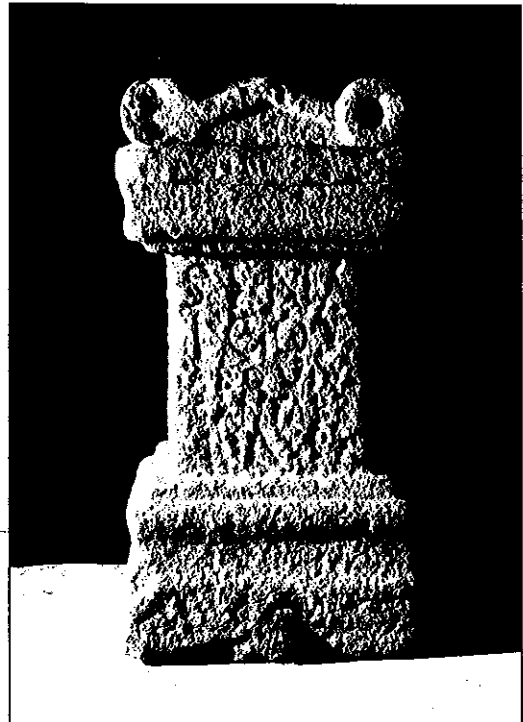
1 Sepultura romana da Av. da Liberdade (texto 19).



2 Estela funerária de C. Iulius Cimiano (texto 20).



1 Fragmento de marco miliário (texto 21).



2 Ara votiva a Sena (texto 22).

ESTAMPA VI



1 Aspecto geral da "Casa do Poço" (textos 24 e 25).



2 Grande muro romano posto a descoberto na Colina da Cividade (texto 30).